



Cartas - III

A chance surgiu no jornal¹ que eu trabalhava, no meado da década de 1960. O chefe de redação, na época, entusiasmou-se com a beleza plástica do material que lhe mostrara, um exemplar da revista *Ebony*², e também era sensível aos movimentos libertários que ocorriam na África.

Acertamos que eu redigiria uma serie de artigos – ficou em dois, apenas, por que a fonte cessara, na origem, com a morte de um de seus autores. Ajustou-se que o espaço seria a capa de caderno, em edição dominical: o que de mais nobre havia no



jornal.

Não tinha outro interesse, senão difundir meu próprio pensamento sobre África e tornar o assunto do mais amplo conhecimento – o que fazem um jornalista e um jornal.

¹ Matéria publicada no **Jornal do Dia**, em 30 de janeiro de 1966. **O Jornal do Dia** foi criado por lideranças católicas, entre elas o professor Armando Câmara, que cedeu terreno à Rua Duque de Caxias, ao lado do atual centro cultural da Assembléia Legislativa, o *Solar dos Câmaras*, para instalação da redação e parque gráfico do jornal. Tinha o apoio da Arquidiocese de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e disputava o mercado de imprensa diária com o *Correio do Povo*, líder de vendas e prestígio editorial, e o *Diário de Notícias*, do grupo *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand.

² - Revista de Chicago, EUA, voltada para a comunidade afro-americana, muitas vezes citada neste Projeto Cultural.

África: O Colonialismo Próximo do Fim³

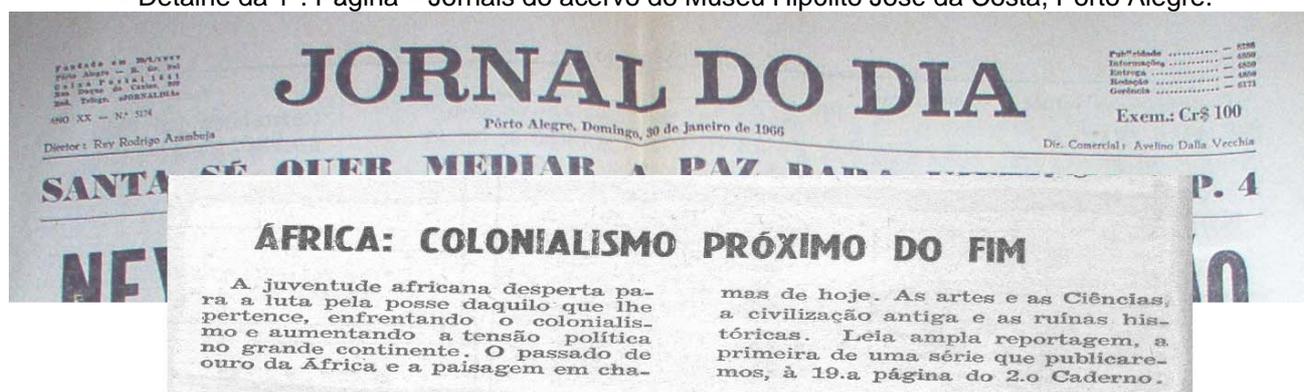
José Luiz Costa

1

O PASSADO DE OURO

A África de hoje nos dá um retrato vivo de um grande continente em chamas, numa tensão política crescente, formada pelos jovens nativos que conseguem alcançar o desenvolvimento cultural e político, não desejando mais esperar pela posse daquilo que por direito lhes pertence. Assim é a África onde o colonialismo, quase sempre brutal, pretende manter o "status quo", visando obter, a que preço não importa, a submissão de milhões de homens negros que violentamente foram despojados de suas tradições e de seus ideais. Poderiam ter-lhes dado, pelo menos em troca das fabulosas riquezas naturais do Continente, uma vida melhor. O acesso à cultura. Contrariamente, retirando tudo que podem, deram, tão somente, uma discriminação brutal como a da África do Sul, ou no episódio bem recente da Rodésia, onde uns poucos brancos – cerca de 300 mil – se sobrepuseram à vontade de 4 milhões de negros e, assim agindo, proclamaram a independência de forma unilateral. Cerca de 51 organizações políticas, entre Estados soberanos, províncias e protetorados, lutam tenazmente contra o subdesenvolvimento, contra a fome, contra o preconceito, contra as mais bárbaras formas de opressão. E mais, face a ignorância, também lutam contra alguns negros que, aceitando migalhas da burguesia colonial, vendem seus irmãos que lutam pela independência política de sua terra.

³ - Detalhe da 1ª. Página – Jornais do acervo do Museu Hipólito José da Costa, Porto Alegre.



UM PASSADO

*Mas, vendo a África de hoje, conhecendo-a como o Continente Negro, onde as imagens que nos dão a ver são as de um contraste chocante entre a opulência de cidades brancas e a sordidez dos acampamentos negros, nos ocorre uma simples pergunta: Teria sido sempre assim o chamado Continente Negro? A África teria sido por todo o sempre uma terra onde a pobreza e a miséria fixaram residência, transformando a paisagem de animais e homens assemelhados? A resposta, em parte, nos pode ser dada pelos professores norte-americanos negros, William Leo Hansberry e E. Harper Johnson, que, numa série de artigos para a revista *Ebony*, demonstraram, através de farto documentário fotográfico, pictórico e de esculturas *O Passado de Ouro da África*.*

JARDIM DE ÉDEN

O primeiro artigo da série publicada pelos professores americanos tem por título "*A Vida Pode Ter Começado em Kush*". Iniciando o trabalho de grande fôlego e singular envergadura, os professores perguntam: "*Onde esteve localizado o Jardim de Éden? Quando e onde coisas viventes e o homem surgiram na face da Terra? Onde se formou a primeira civilização humana? Em que parte, se houve, o homem e a mulher negros desempenharam seu papel no drama humano?*" E, a seguir; partem para as respostas a essas perguntas e o fazem de maneira clara e incisiva, num relato onde asseveram: "*Profetas, filósofos, poetas e mitólogos, entre muitos outros, conseguiram algumas respostas para uma ou mais dessas perguntas, as quais têm satisfeito, muitas vezes sua própria curiosidade ou a dos grupos onde viveram. Assim que, embora os conceitos dos africanos não sejam bem conhecidos no Oeste, como os das nações gregas e hebraicas, acerca das origens humanas, os africanos não eram mudos a tais questões.*

Segundo o poeta Pindar, os líbios antigos acreditavam que Jarbas, o mais antigo dos homens, brotou no coração da Líbia, alimentando-se de fruto de carvalho doce e, alguns dos egípcios antigos afirmavam que foi no seu país – o mais antigo do mundo – que os deuses moldaram os primeiros seres humanos, com as mãos cheias de barro, umedecidas pelas águas da vida do "abençoado Nilo".

De varias outras partes da África – Etiópia, Tanganica, Kenia, Rodésia, Congo, Gana, Nigéria e Libéria – transmitem-se conhecimentos mitológicos segundo os quais seus países teriam sido a origem da vida.

Mas, o empreendimento mais atrativo para os africanos e o mais antigo, para explicar as origens e o desenvolvimento da espécie humana, deve-se a uma versão grega de uma tese promovida pelos kushitas antigos (mais amplamente conhecidos antigamente como os etíopios) que viveram nas regiões marcadas nos mapas modernos como o Império Etíope e a República do Sudão. Quando o grande historiador grego Diodorus Siculus esteve visitando o Egito, durante o reinado de Ptolomeu Auletes – o pai, tocador de flauta, de Cleópatra encontrou-o e contou-lhe sobre esse povo, declarando depois: *"muitos sacerdotes, embaixadores e outros homens do reino de Kush, estiveram visitando o Egito, numa missão ou noutra"*.

Em seu grande trabalho, *Biblioteca Histórica*, Diodorus recolheu vários assuntos que foram discutidos com os clérigos de ébano e diplomatas dos Reinos do Sul. Ele nos diz, então, que os kushitas eram de opinião que seus países não eram só o lugar de seu nascimento, mas de toda a raça humana e a terra-berço da mais antiga civilização do mundo. O local onde nasceram as primeiras coisas viventes da Terra.

ARTES E CIÊNCIA

Mais adiante, prosseguindo nas revelações de documentos históricos, os professores Hansberry e Harper narram uma disputa lendária entre os egípcios e Kushitas, revelando o seguinte argumento: *"No começo do mundo, os kushitas afirmavam, com efeito, que o Egito esteve submerso, onde permaneceu ao longo de várias idades. Mais tarde emergiu, tornando-se um enorme pântano, para depois fazer-se terreno seco, pelo barro levado do Norte, durante as inundações anuais do Nilo. Pelas disputas, egípcios e kushitas se diziam berço da espécie humana."*

Mas iam além os kushitas afirmando que *"em tempos muito primitivos, após haver secado o vale do Nilo, um príncipe kushita e sua esposa, ambos bem versados nas artes civilizadas, migraram juntos com muitos de seus parentes para o Egito e ensinaram aos povos atrasados no vale Norte, os elementos fundamentais da vida civilizada. Fora destes colonos kushitas que os egípcios aprenderam a fazer estátuas, às práticas escravas, dar aos seus mortos enterros propriamente tal, adorar a Deus e a reis como deuses"*.

IRIS E OSIRIS

O relato Prossegue com a revelação seguinte; *“Como uma expressão de gratidão ao príncipe e a princesa kushitas, os responsáveis pelo legado artístico e cultural que lhes fora transmitido, os egípcios passaram a adorar, subseqüentemente, a dupla real, dando-lhes os nomes de Iris e Osíris, juntamente com seu filho Horus. Eram três os deuses mais venerados do Egito”*.

GUERREIROS HUMANITÁRIOS

Muito antes do tempo de Diodorus, os kushitas eram internacionalmente renomados por sua civilização, sua humanidade, seu ar majestoso e sua proeza nas armas. Homero os conheceu assim como Heródoto, o Pai da História – *como uma raça irreprovável*. Eram os mais altos, os mais elegantes e os mais justos dos homens. Plínio, o Velho, refletia a tradição antiga quando dizia que a Etiópia Sudânica ou o Reino de Kush se constituía num povo famoso e poderoso, tanto, quanto, Tróia e, segundo Arctinius de Miletus e Quintus de Smyrna, nenhum deles ostentou maior valor e humanidade em defesa da Ilha de Príamo, *do que Menon*, príncipe da Etiópia e sua enumerável hoste guerreira. Com referência ao poderio militar dos kushitas antigos, encontramos no Livro de Isaias (18:2) *“que houve homens de estatura sumamente alta... têm povo terrível desde o inicio em diante...”*

A CIVILIZAÇÃO ANTERIOR

Quando do renascimento das ciências clássicas na Aurora nos tempos modernos, a opinião dos antigos referente à civilização antiga em Kush e as terras da Etiópia e a dúvida antiga dos egípcios em relação aos seus vizinhos sudaneses, encontrou muitos e capazes advogados. Um dos mais conhecidos e influentes foi o filósofo frances François de Chasseboeuf, mais conhecido como Conde de Volney, cujo trabalho *As Reunidas do Império*, foi publicado em 1791. *“Na terra lar de Diodonis Kushita”*, escreveu: *“Um povo*

agora esquecido descobriu, enquanto os outros eram ainda bárbaros, os elementos da arte e das ciências; uma raça de homens – agora enfeitada pela cor de sua pele e pela carapinha de seu cabelo – que estabeleceu as leis das ciências naturais que ainda regulam as culturas do gênero humano em todo o universo". Já em 1730, Charles Rollins, autor erudito de História Antiga atribuiu o estabelecimento da primeira civilização egípcia a membros da raça negra.

RUINAS HISTÓRICAS

Em 1790, o ano anterior ao aparecimento das *Ruínas do Volney* -- James Bruce, célebre africanista, publicou as condições geográficas e processos históricos “*os quais deram origem à civilização e aos estágios mais anteriores de seu desenvolvimento na Etiópia, Kush e terras vizinhas da África em vez de outros locais da Terra*”. Em 1828 Frederic Caillaud publicou sua, notável monografia, *Viagem à Méroé, uma* detalhada exposição das evidências arqueológicas as quais, como outras, revelaram relevantes materiais históricos que indicavam elementos básicos da civilização antiga, como sendo derivadas dos kushitas, do sul da Núbia e Etiópia.

CHAMPOLLION

Enquanto as conclusões de Caillaud estavam ainda frescas na mente do público, seu jovem e brilhante conterrâneo, Jean François Champollion, também levou profundas impressões sobre o Egito, as quais não teve tempo para passar ao papel, mas as transmitiu aos seus amigos: “*O Egito não era de origem asiática, mas descendia de uma raça indígena africana, cujos antepassados haviam chegado da Etiópia, Sudão do Sul e Núbia*”.

Esta, pois, uma pequena fração de um trabalho gigante, desenvolvido pelos professores norte-americanos Hansberry e Harper, que -- segundo nota introdutória publicada pela própria revista *Ebony*, tinha mais a finalidade de esclarecer o grande público (a referida revista tem uma tiragem de um milhão de exemplares, circulando, principalmente, entre a população negra dos Estados Unidos) sobre detalhes não muito conhecidos do passado africano, tão glorioso e humano. Mas, esse é um passado remoto. Tem o mérito de mostrar as tradições africanas que foram esmagadas cruelmente, tradições que retratam um passado glorioso, ostentando troféus como aquele que fala em humanidade, em paralelo com

guerreiros poderosos como os de Tróia. E que, fatalmente, nos lembra potências poderosas como as que dominam a África, que têm tratado o homem africano sem um mínimo do humanitarismo, despojando-os de tudo.

Mas, o ciclo histórico cumpre-se. A África de hoje parece caminhar para a volta ao seu *Passado de Ouro*. Que séculos de opressão entretanto não os levem a revanche. Lutam, hoje uns contra os outros e contra seus opressores -- a história de nossos dias assim o revela, nas notícias que publicamos. Mas, inobstante, reclamam por igualdade, liberdade e fraternidade, assim que atingem o desenvolvimento cultural: assim tem sido a voz da África, na ONU. --
Continua

as nações colonizadoras.

Em todas, praticamente, os negros não ficaram completamente à margem do mínimo de progresso que despontava. Uns poucos, de uma ou outra maneira, foram adquirindo condições econômicas razoáveis e, principalmente, instrução. Pode-se, como ponto de referência, citar um ano, o de 1955. Até este ano Etiópia, África do Sul e a Libéria eram considerados como Estados independentes. Deste ano em diante, um total de 33 outros Estados tornaram-se independentes. Atualmente, apenas a Angola, Sudoeste Africano, Rodésia do Sul (declarou-se, de forma unilateral, independente, em novembro de 1965), Bechuanalândia, Moçambique, Guiné Portuguesa e Saara Espanhol constituem-se em governos dependentes de outras nações.

INDEPENDENTES

Dois casos, entretanto, merecem um destaque especial: Rodésia e África do Sul. A Rodésia, recentemente, através de ato do governo de Ian Smith, representante britânico declarou-se independente, o fazendo em nome dos súditos de Sua Majestade, a Rainha da Inglaterra. Era um total, aproximadamente, de 300 mil brancos, contra a vontade de toda a população negra daquela nação, ou seja, aproximadamente, 4 milhões de negros. A África do Sul, em março de 1961, retirou seu pedido para permanecer na Comunidade Britânica de Nações, tornando-se República em 31 de maio de 1961. São, entretanto, nações *independentes* onde a verdadeira independência ainda não se fez, eis que os donos da terra, os naturais daquelas nações, são mantidos à margem de todas as conquistas da civilização. Houve independência para que os ainda colonizadores (africanos brancos) conservem de forma perene, o *status quo*. Necessariamente, com relação a esses dois países, uma nova página será escrita: aquela que contará, pelo menos, que os sul-africanos (brancos e pretos) com direitos iguais, trabalharão por seu porvir. A esse respeito é de todo oportuno citar do comentário do professor Luís José de Mesquita, da PUC de São Paulo, o trecho da Encíclica *Mater et Magistra*, do Pontífice João XXIII (“se em alguma ocasião se pretender levar a efeito este propósito, então é preciso denunciá-lo abertamente, como uma certa forma de domínio colonial, que, embora disfarçado sob um nome respeitável, exprime esse antigo e corrupto colonialismo que muitos povos recentemente desterraram. Na verdade, tal proceder, prejudicando as relações entre os povos constituiria um perigo para a paz mundial”) quando assevera: «Não obstante, os impérios coloniais viveram os seus últimos instantes, pois cada povo quer ser um Estado independente,

a queda dos mesmos não modifica substancialmente o conjunto da situação mundial: novos imperialistas procuram substituir os antigos. Não obstante, a doutrina e a prática do colonialismo, mesmo disfarçado, estão já desmascaradas e só poderão conduzir ao insucesso» (cit. de O Suicídio de Lebret) E, recordando o recente episódio da Rodésia, nova citação de Lebret, na mesma obra, torna-se de todo oportuna: "O grande defeito do colonialismo foi, como nas metrópoles, a constituição do proletariado, fatalidade do sistema capitalista liberal, monopolista e oligopolista. É provável que outra não pudesse ter sido, historicamente, a solução, a não ser na perspectiva de um mundo cristão, plenamente inspirado pelos valores evangélicos

”.

UM AFRICANO

Abordando, ainda que de forma suscinta e, reconhecemos, bastante superficial, o magno problema africano para enriquecer este capítulo sobre o colonialismo e a África de hoje, apresentamos trechos da entrevista que realizamos com o jovem nigeriano Edwin Ovuwoyè Onwawoma - estudante de Química, na URGS – que, sobre colonialismo assevera: Quando ingressei na escola primária, minha terra (Nigéria) ainda era colônia da Inglaterra, como muitos outros países africanos. E, durante todo esse tempo, até o país conseguir independência, sempre houve um grande desejo de liberdade. Já haviam partidos políticos que propugnavam, com ardor, pela independência da Nigéria. Quando eu tinha 20 anos e estava no curso colegial, deu-se a Independência. Desde então, grandes transformações passaram a ocorrer: não somente a Nigéria, como outros países africanos, passaram a ser ouvidos por todo o mundo, já que suas representações chegaram aos organismos mundiais. Em 1964, Alex Quaison-Sackey, de Gana, chegou a Presidente da ONU. O número de professores e de escolas também começou a aumentar sensivelmente. O progresso, de uma forma singela, veio da seguinte forma: a ajuda que durante o período colonial vinha exclusivamente da nação colonizadora e daquelas que a ela eram relacionadas por vínculos íntimos, se pulverizou, vindo das formas mais diversas, de outras nações do mundo. Vê-se hoje, na Nigéria, por exemplo, capitais de países mais diversos, contribuindo para o desenvolvimento da nação”. E mais adiante, falando sobre colonização, ainda, diz Edwin: "A palavra colonizador em época alguma foi agradável. Entretanto, embora não o fosse, na Nigéria, em especial, sempre houve um tra-

tamento em alto nível entre colonizadores e naturais do país eis que, embora houvesse nas grandes cidades, (antes da Independência) um ou dois clubes separados, não se encontravam escolas ou lugares públicos onde houvesse discriminação em favor dos colonizadores. Tal fato, entretanto – aduziu – não pode ser levado como regra, pois em países como a Rodésia e África do Sul, há discriminação acentuada”.

A PROSCRIÇÃO

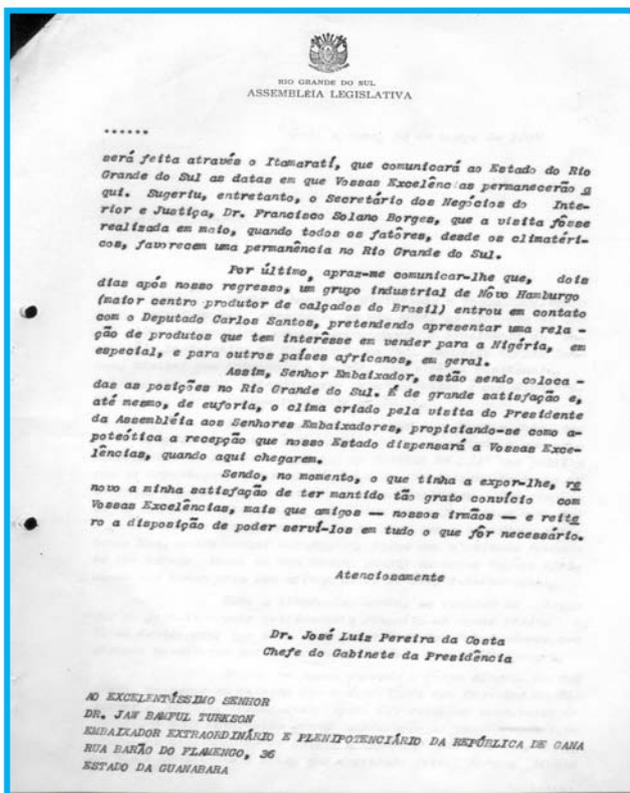
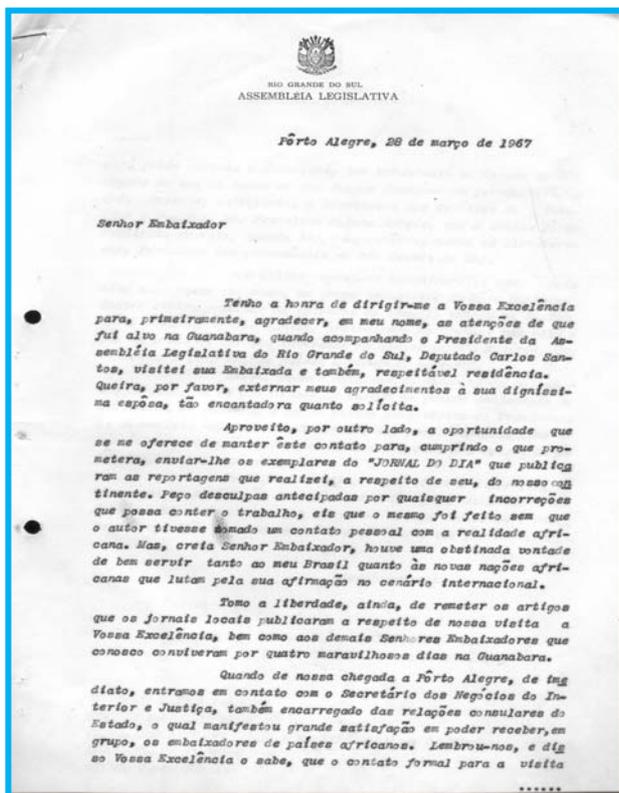
Perguntado a seguir sobre o futuro da África, Edwin responde por si mesmo, mas, é certo, o faz num desejo uníssono de toda a África e de considerável parte do mundo. Diz: *"Embora os países africanos sejam bastante jovens e muitos subdesenvolvidos, possuem riquezas virgens que, se não as podem explorar agora, com seus próprios meios, o farão mais tarde com ajuda de outras nações. Com isto o desenvolvimento há de chegar. Com relação, entretanto, a dois ou três países africanos, o quadro a pintar, numa imagem do futuro, necessariamente há de ser diverso. Não são países com os matizes dos demais da África. Eu, particularmente, desejo que as condições atuais naqueles dois países se modifiquem, o que ocorrerá um dia, ensejando que os naturais da terra possam ser os diretores do seu destino. Face à situação peculiar que lá se encontra não posso sequer, conjecturar de que forma ocorrerá tal mudança. Mas, estou certo, há um desejo crescente de que também eles se transformem, como os demais, ajudando a tornar mais forte e unido o continente africano"*.

DESEJO UNÍSSONO

Encerrando o aspecto abordado, convém que nos voltemos novamente às sábias palavras do Pontífice João XXIII, quando diz, também na *Mater et Magistra*: “Além disso, as nações economicamente desenvolvidas, ao fornecerem ajuda aos países necessitados, abstenham-se especialmente de se aproveitar da situação para, em seu próprio benefício, influir na política desses últimos e exercer sobre eles planos de domínio”. Dentro, pois, do espírito que norteou às inelutáveis palavras do Pontífice, o desejo africano de desenvolvimento somente estará completo quando as nações que têm procurado ajudar os novos e independentes países daquele continente, vejam através da perspectiva de João XXIII: ajudar de forma “verdadeiramente desinteressada e não uma dominação econômica e social”

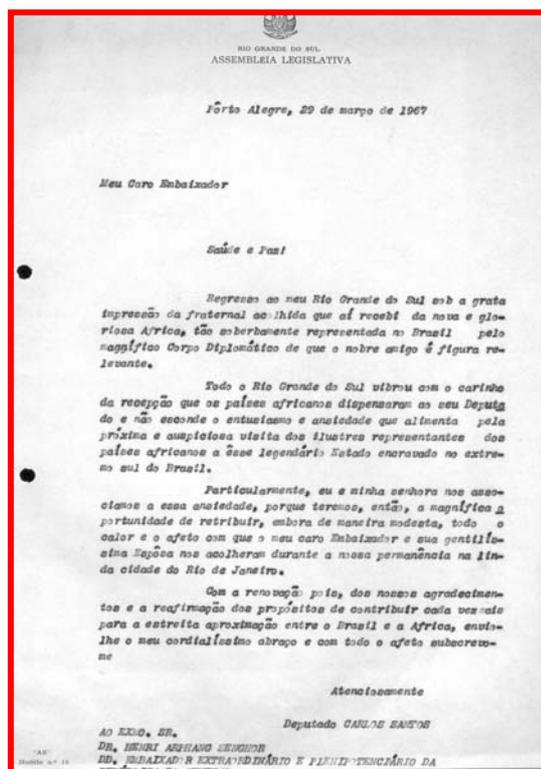
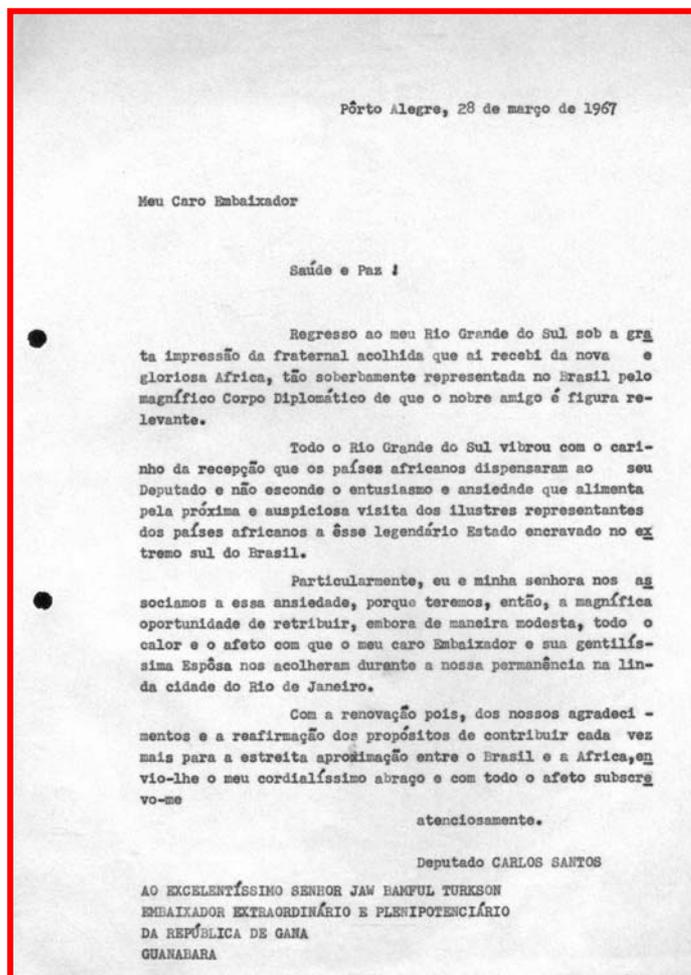
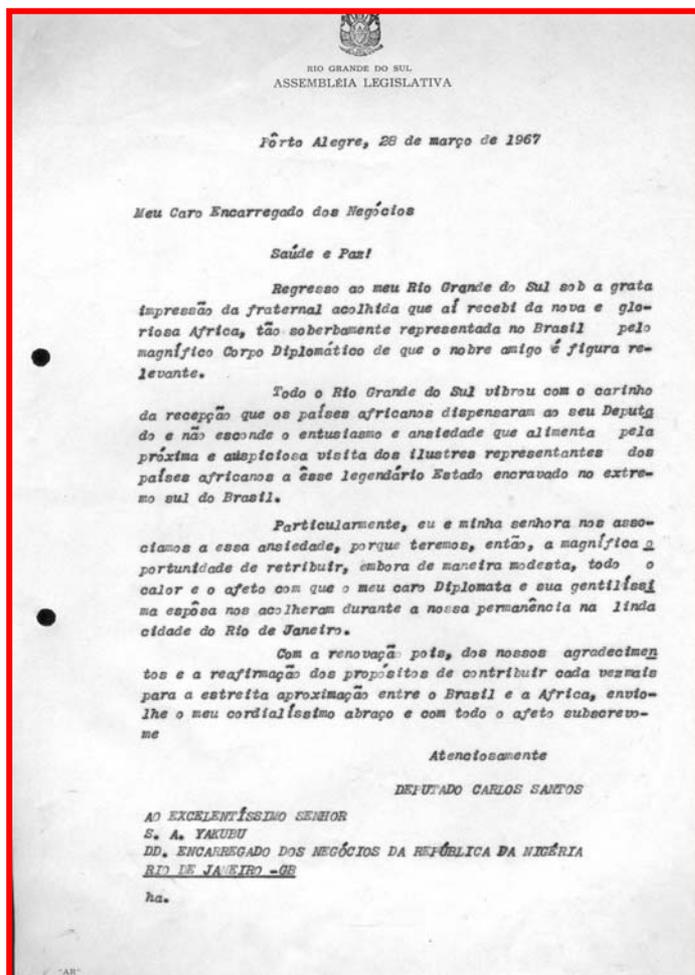
AS CARTAS

Nesse objetivo, depois da publicação, mandei cópia deste material para o embaixador do Senegal, o senhor Henri Arphang Senghor⁴. Recebi uma carta cujo teor reproduzo - missiva que vem a se constituir numa pedra angular da relação dos novos países independentes da África com o Rio Grande do Sul, estimulada, esta conexão, pela presença de um descendente de africanos na presidência da Assembléia Legislativa do Estado, o deputado Carlos Santos. Escrevi para o embaixador Senghor, para o embaixador de Gana, Yaw B. Turkson e para o encarregado dos negócios da Nigéria, S.A Yakubu, a carta abaixo:



⁴ - Henri Senghor é sobrinho do poeta da *negritude*, Lèopold Sédar Senghor, líder da independência e primeiro presidente do Senegal.

No mesmo período, retornando de viagem ao Rio de Janeiro, o deputado Carlos Santos mandou cartas para os três diplomatas:

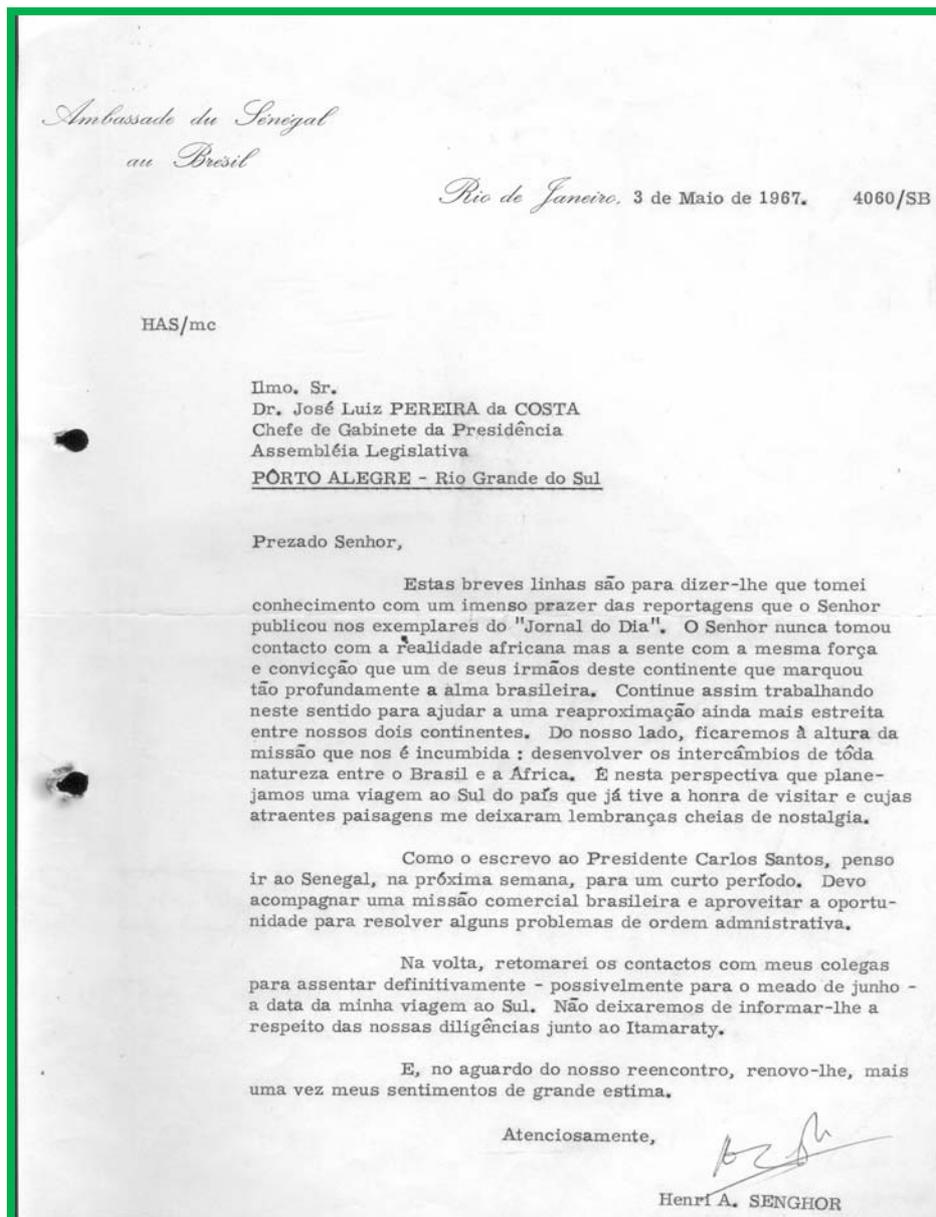


Resposta do embaixador do Senegal:

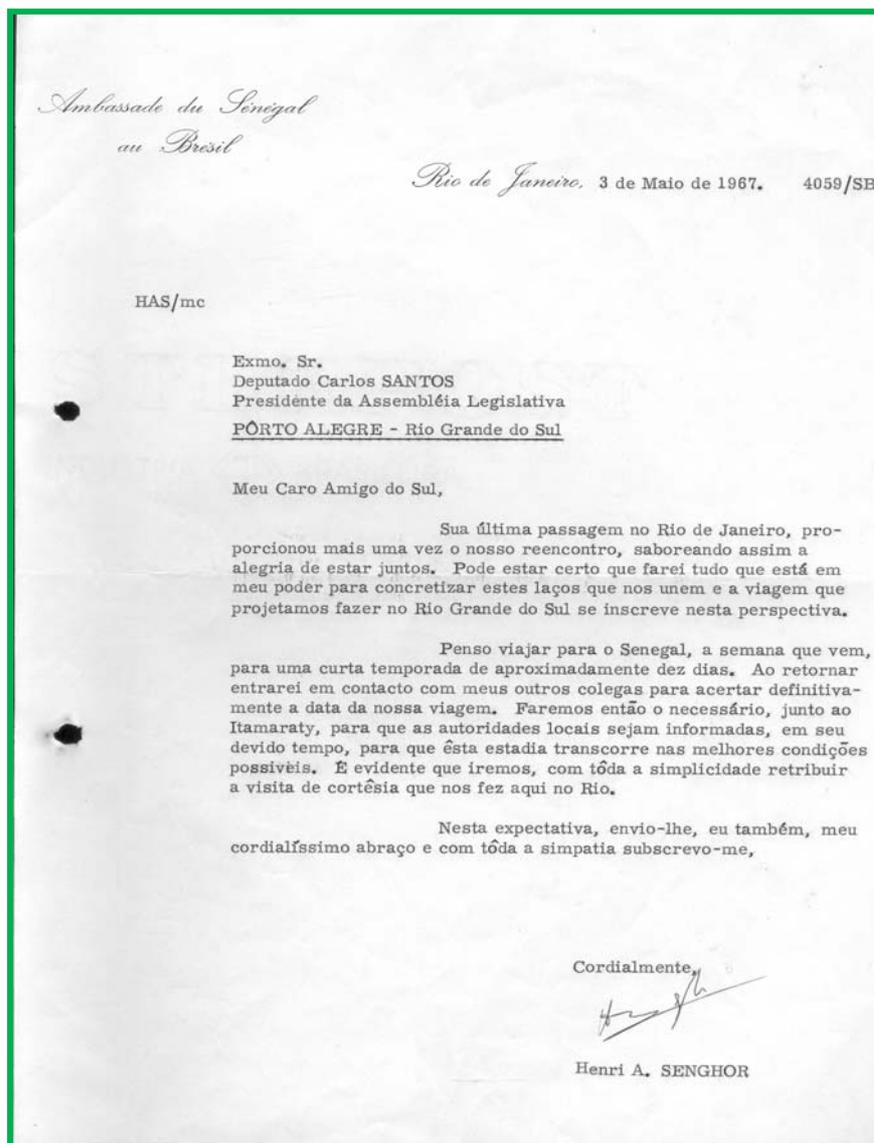


Carlos Santos

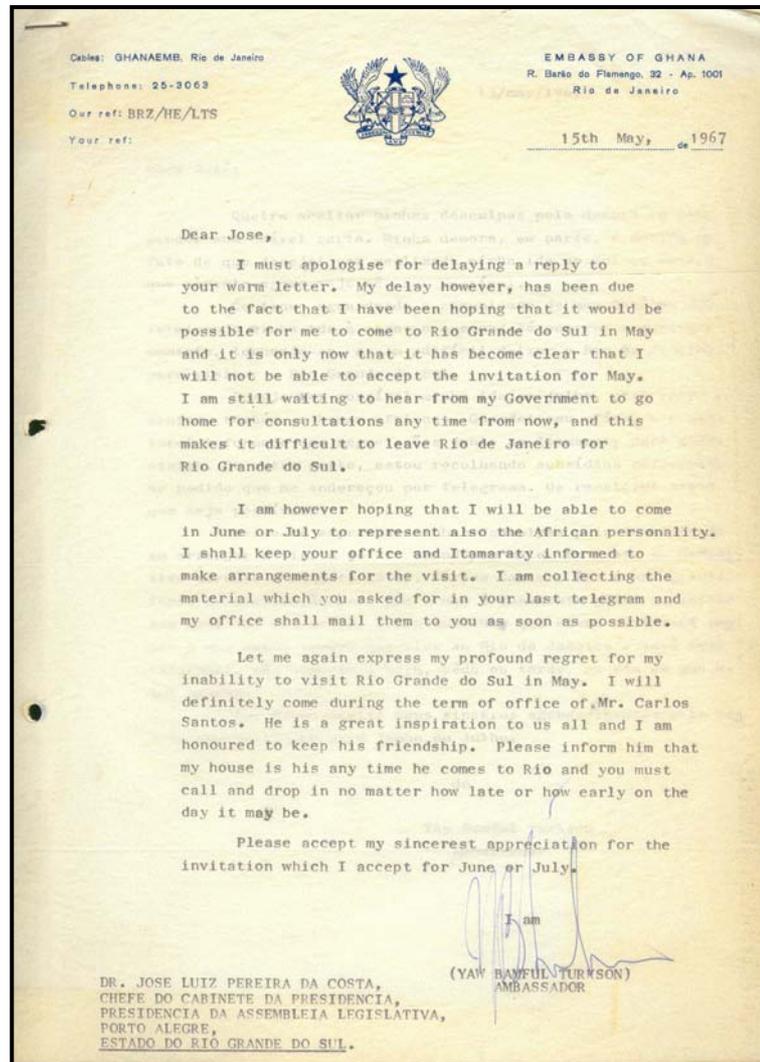
Henri Senghor

José Danton Oliveira, Sec.
do Interior

No mesmo dia, o embaixador Senghor remeteu ao presidente da Assembléia Legislativa, a seguinte carta:



O embaixador de Gana respondeu⁵:



⁵ 15/may/1.967

Caro José:

Queira aceitar minhas desculpas pela demora em responder sua amável carta. Minha demora, em parte, é devida ao fato de que desejei ver realizada minha ida ao Sul em maio, todavia, somente agora vejo não ser possível. Continuo aguardando o comunicado de meu Governo determinando minha ida à casa, o que poderá ocorrer a qualquer momento, tornando-se, assim, difícil deixar o Rio de Janeiro, para visitar o Rio Grande do Sul.

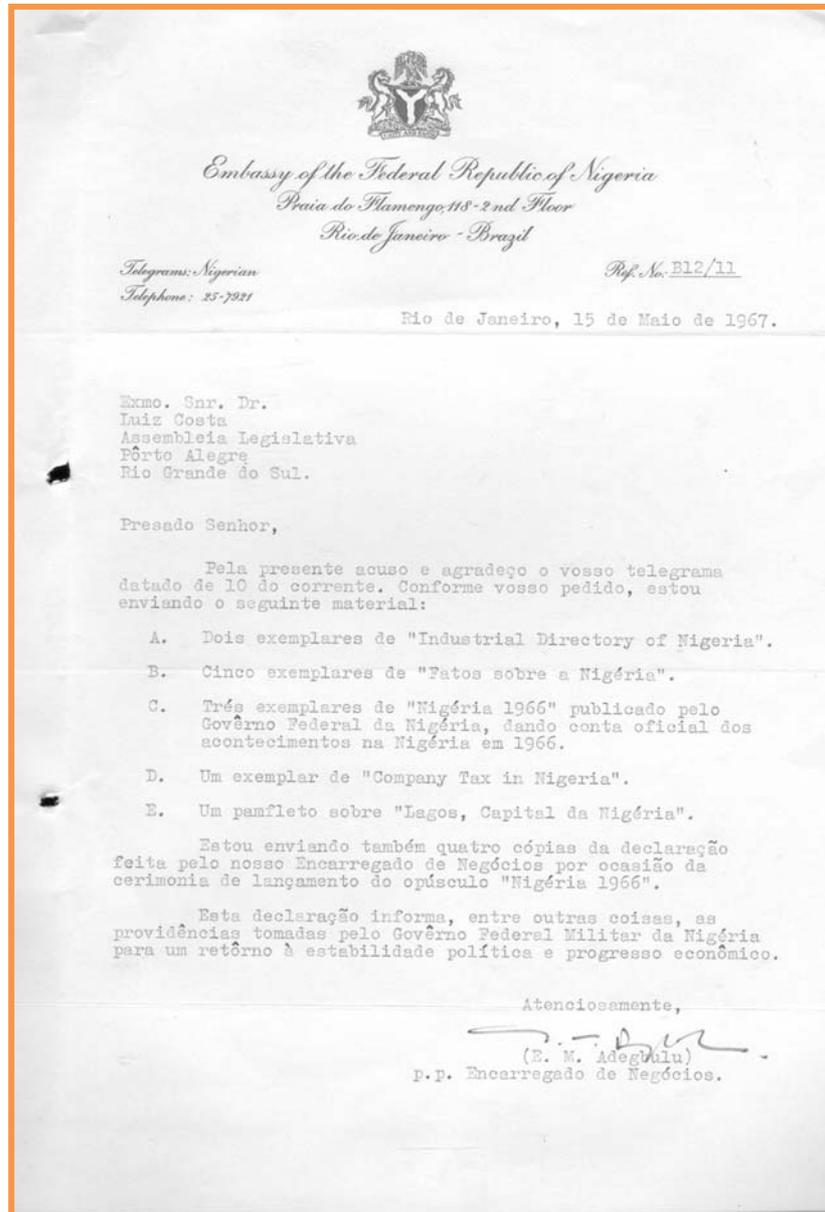
Desejo ver possível minha ida em julho, para representar, também, o homem africano. Guardei seu ofício e o mantereii informado das negociações junto ao Itamaraty para minha visita. De outra parte, estou recolhendo subsídios referentes ao pedido que me endereçou por telegrama. Os remeterei assim que seja possível.

Deixe-me expressar minhas desculpas pela inabilidade em arranjar a visita ao Rio Grande, em maio. Eu irei, em definitivo durante o mandato do Sr. Carlos Santos. Ele é uma grande fonte de inspiração para nós, e nos é sumamente grato conservar sua amizade. Por favor, comunique-lhe que minha casa será sempre a sua casa, sempre que vier ao Rio de Janeiro e você deve telefonar, não importa a hora, cedo ou tarde, no dia em que aqui chegar.

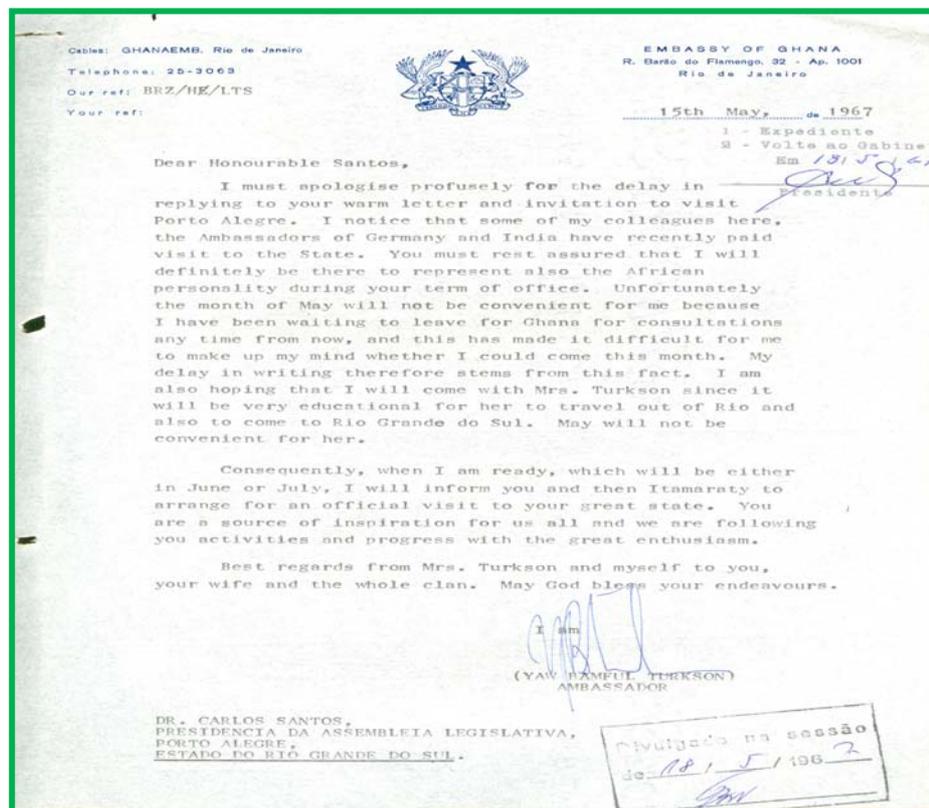
Por favor aceite meus sinceros agradecimentos pelo convite que aceitarei para junho ou julho.

do
Yaw Bamful Turkson
Embaixador

Também a representação da Nigéria, assim:



O embaixador de Gana, preocupado por não estar atendendo às expectativas de visitar o Rio Grande do Sul, num linguajar nos padrões de sua cultura, de respeito aos mais velhos, dirige-se assim ao presidente da Assembléia Legislativa⁶:



⁶
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
GABINETE DO PRESIDENTE

Embaixada de Gana, Rua Barão do Flamengo, 32, apto. 1.001, Rio de Janeiro

Caro e Venerando Santos:

Tenho de desculpar-me sem medida pela demora em responder sua terna carta e o convite para visitar Porto Alegre. Soube que alguns de meus colegas, como os embaixadores da Alemanha e Índia, estiveram em seu Estado. O Senhor pode estar seguro de que também irei visitá-lo, representando o homem da África, antes do termo de seu mandato. Infelizmente, o mês de maio não é o ideal, eis que contínuo aguardando ordens para viajar a Gana, a fim de realizar consultas, o que poderá ocorrer a qualquer momento. Assim que resolvi escrever a presente antes que ocorra tal.

Estou desejando, também, que minha esposa possa ir comigo ao Sul, o que lhe será muito ilustrativo. Maio, entretanto, não lhe será conveniente.

Conseqüentemente, quando eu estiver pronto, o que deverá ocorrer em junho ou julho, informarei ao Senhor e ao Itamaraty, da minha visita oficial ao Sul.

O Senhor é uma fonte de inspiração para todos nós que continuamos acompanhando suas atividades e sucessos com grande entusiasmo.

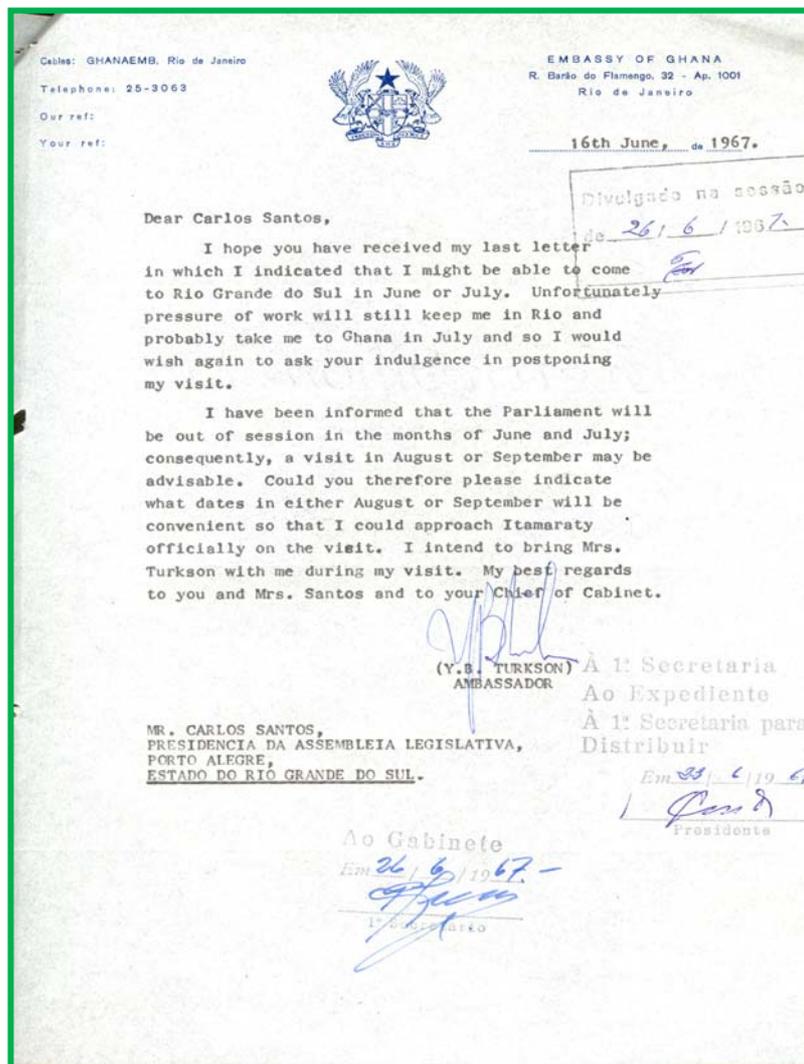
Apresento as saudações da Senhora Turkson e os meus, à sua esposa e todo o clã. Que Deus o proteja.

Yaw Bamful Turkson

Em 15 de maio de 1967

Embaixador

A primeira viagem continuava objeto de dificuldade de agenda. Assim, o embaixador Turkson escreveu⁷ ao presidente da Assembléia:



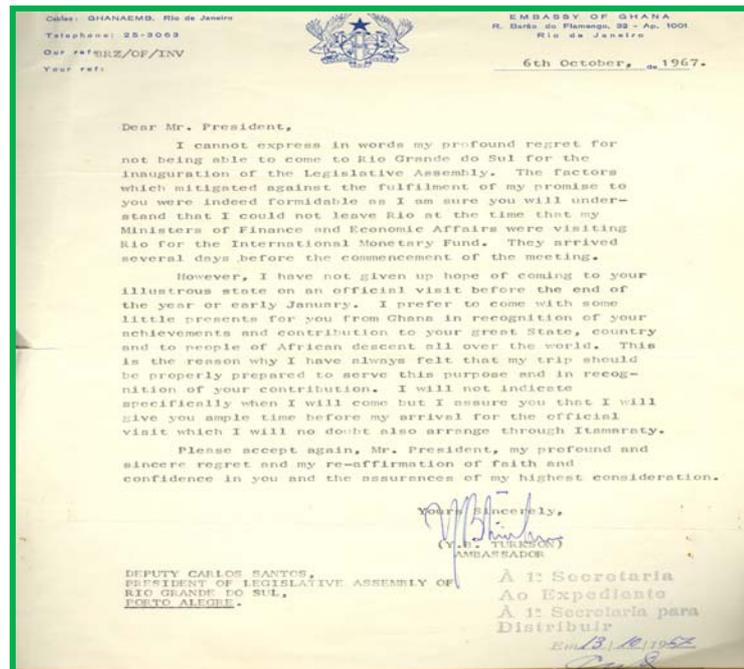
⁷ EMBAIXADA DE GANA - RIO DE JANEIRO, em 16 de junho de 1967

Espero que tenha recebido minha última carta, na qual informei que possivelmente poderia ir ao Rio Grande do Sul em junho ou julho. Infelizmente, por imperativo de minha função, terei de ficar no Rio e, provavelmente, vá a Gana em julho, o que me leva a solicitar, uma vez mais, sua indulgência pelo adiamento de minha visita.

Segundo estou informado, a Assembléia estará em recesso nos meses de junho e julho; conseqüentemente, uma visita em agosto ou setembro poderá ser viável. Poderia o senhor indicar uma data conveniente para minha visita, a fim de que a possa acertar no Itamarati. Pretendo levar comigo a senhora Turkson, quando de minha visita. Minhas saudações ao senhor e sua esposa, bem como ao seu Chefe de Gabinete.

Y. B. Turkson
Embaixador

Nesse ínterim é inaugurado, em 20 de setembro de 1967, pelo presidente Carlos Santos, o novo edifício da Assembléia Legislativa, um complexo com plenários, salas de comissões, auditório para atos cívicos, cinema, teatro e gabinete dos deputados. O embaixador desculpa-se pela ausência⁸:



⁸ Meu Caro Presidente,

Não posso expressar em palavras meu profundo pesar por não poder ter ido ao Rio Grande do Sul para os atos de inauguração da Assembléia Legislativa. Os fatos que contribuíram para o não cumprimento de minha promessa foram, em verdade, excepcionais, posto que eu não poderia deixar o Rio de Janeiro no momento em que meus ministros da Fazenda e da Economia participavam de encontro do Fundo Monetário Internacional. Eles chegaram vários dias antes do início do encontro.

Todavia, não desisti da esperança de ir a seu distinto Estado numa visita oficial, antes do fim do ano ou início de janeiro. Quero chegar portando algumas lembranças de Gana, em reconhecimento por suas conquistas e contribuição para seu grande Estado, seu País e aos povos de ascendência africana, espalhados pelo mundo. Por isto sempre considerei que minha viagem deveria ser adequadamente organizada a fim de atingir esses propósitos e em reconhecimento por sua contribuição. Não vou marcar a data, mas assegure-se de que, organizada pelo Itamarati, dela darei notícia com grande antecedência.

Por favor, aceite, novamente, Senhor Presidente, meu profundo e sincero pesar, bem como minha reafirmação de fé e confiança no senhor e a garantia de minha mais alta consideração.

Sinceramente seu,

Y. B. Turkson
Embaixador

As últimas cartas⁹ desse conjunto significam, também, na ação de uma empresa que não mais existe, o ímpeto com que homens de negócios do Rio Grande do Sul aproveitaram aquela estada de afro-descendentes no comando de um dos poderes do Estado.

Pôrto Alegre, 30 de março de 1967

Exmo. Sr.
S. A. Yakubu
Encarregado dos Negócios da Nigéria
Rio de Janeiro -GB

Senhor Diplomata.

Volto a sua presença novamente, desta feita para comunicar-lhe que, dia 29 do corrente mês, entrou em contato conosco Diretores da firma "Adams Sociedade Anônima", de Nôvo Hamburgo, tradicionais fabricantes de calçados.

Referidos senhores têm interesse em poder exportar sapatos para a Nigéria, em especial e, se puderem, para outros países africanos. Aliás, já mantiveram êles contato com a firma nigeriana UKUKORO MARKETING AGENCY & COMPANY, dirigida por Franklin Tumukoro Tamboshe e que tem como endereço: Postal Address P.O. Box 2996 - Nigéria.

Os referidos exportadores de Nôvo Hamburgo, como não tiveram a oportunidade de conhecer "in loco", os importadores nigerianos, gostariam de saber e, talvez V. Exa. nisso possa ajudá-los, das condições da firma em poder importar grandes quantidades.

E, ainda, se a Nigéria tem interesse em importar sapatos ou outros similares, talvez possa indicar à empresa interessada, "Adams Sociedade Anônima", outras firmas nigerianas que se interessem pelo comércio de sapatos.

Reafirmo aqui, que meu interesse prende-se ao de cooperar, da melhor forma, para um bom equacionamento dos problemas de interesse comum ao Brasil e Nigéria, mórmente de incremento das relações comerciais entre os dois países.

A pedido dos exportadores "Adams S/A.", estou remetendo também, amostras, em fotografia, dos diversos tipos de sapatos e sandálias que êles fabricam.

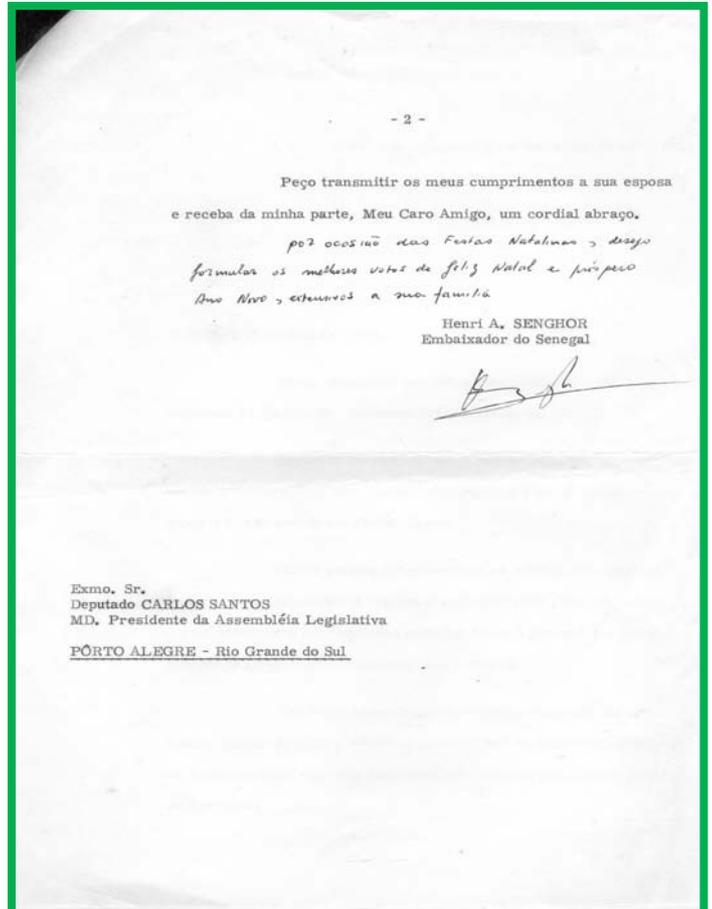
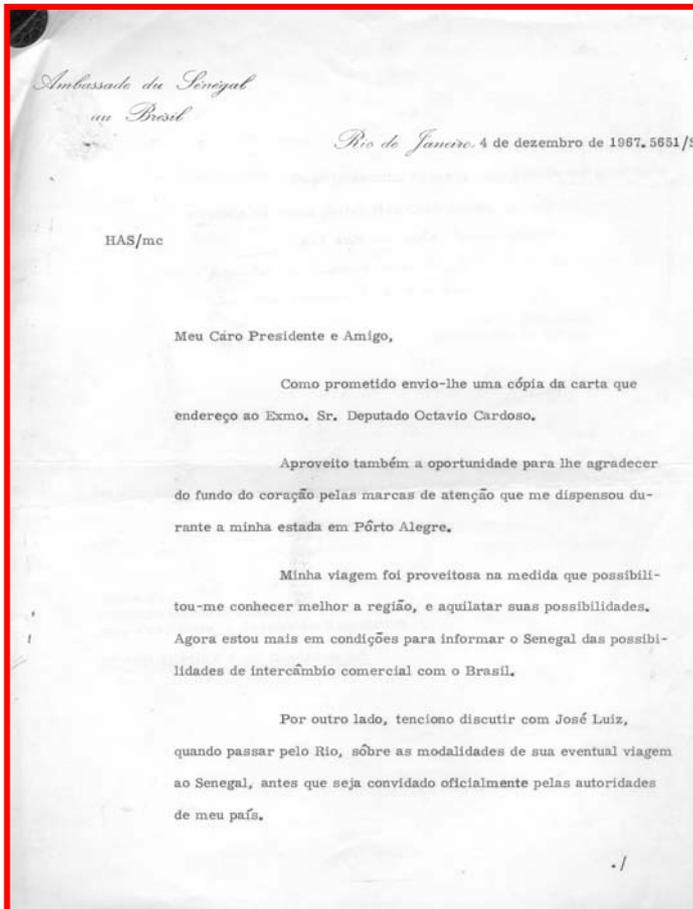
Gostaria, assim, de ser honrado com uma resposta de sua parte não apenas sobre o objeto desta carta, senão, também, sobre as publicações que enviei a V. Exa.

Renovo, na oportunidade, os protestos de estima e consideração com que me firmo mui

Atenciosamente

⁹ - Perdeu-se a segunda página da carta ao Sr. Yakubu. É assinada pelo chefe de Gabinete da Presidência.

Enfim, a viagem que nunca ocorreu para Carlos Santos, mas ficou a intenção de Senghor:



A seguir vieram





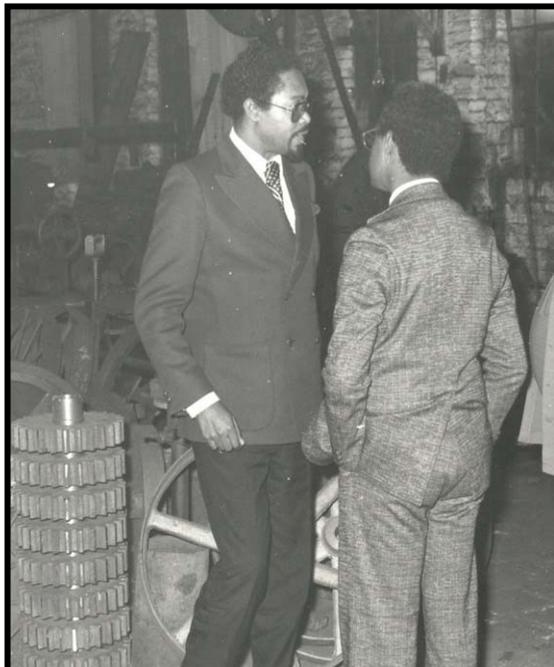
Governador Guazelli (à direita) recebe embaixadores da Costa do Marfim (que prova o chimarrão gaúcho), do Senegal, que o observa e do Zaire.



Governador Synval Guazelli e esposa Ecléia recebem embaixadores do Zaire e Gana.



**Kofi Baah-Aidoo,
embaixador de Gana**



**Vishnu K. Wasiamal,
Embaixador de Gana**



10/12/75 — 13

Embaixador de Gana

O embaixador de Gana no Brasil, Kofi Baah Aidoo, visitou ontem à tarde o prefeito Guilherme Socias Villela, acompanhado do ministro Emanuel Boateng, da embaixada em Brasília, e do representante da Câmara de Comércio Afro-Brasileira, José Luiz Costa. O chefe do Executivo municipal entregou ao embaixador uma medalha com o brasão de Porto Alegre. Participaram do encontro secretários municipais e representantes da Secretaria da Justiça do Estado.

O vice-presidente de Gana



Na dinâmica do processo que se instaurara com uma troca de cartas com o apoio do deputado Carlos Santos, presidente da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, outro marco ficou assinalado. A vinda do primeiro estudante natural da Guiné-Bissau, João José Correia da Rosa, para cursar a Faculdade de Engenharia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As gestões para esse objetivo podem ser acompanhadas nos documentos que se seguem:



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DEPUTADO CARLOS SANTOS P. Alegre, 5.XII.1969

Meu caro José Luiz

Saúde e paz!

Li, reli, gostei e me entusiasmei com o teu magnífico "Este é um Legislativo vazio?", mescla bem dosada de reportagem e entrevista que abarrota e ilustra uma página do DN do último domingo. A espontaneidade do ineditismo do meu gesto... plasmando em mensagem escrita esfarrapada e despretensiosa opinião sobre tuas crônicas parlamentares, diz bem da forte e admirável impressão que me causou o teu trabalho, onde o JORNALISTA experimentado e o COMENTARISTA arguto e brilhante já se revelam furando clareiras por entre as brumas dos que querem subir de viseira erguida, sob o aguilhão nefasto das invejas, dos preconceitos, dos recalques, das ciúmeiras, da estupidez e da maldade humana dos que rastejam como sombra.

Parabens, meu caro Zé Luiz!!!

Atravessando essa barreira imaginária, já podes de cabeça erguida e com o estoicismo com que o fizes-

te, proclamar como César nas planices de Zela:... e VENCI!

Parabens, meu Irmão!
P'ra frente e p'ra cima.

Fraternalmente

Carlos Santos



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Brasília, 19 de junho de 1973

EXCELENTÍSSIMO SENHOR
 MINISTRO FRANCISCO DE ASSIS GRIECO
 DIGNO CHEFE DO DEPARTAMENTO CULTURAL DO
 MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
 N/Capital.-

SENHOR MINISTRO,

Sob a inspiração dos elevados propósitos de grande intercâmbio cultural afro-brasileiro, revelados pelo Governo Brasileiro, venho à honrosa presença de Vossa Excelência solicitar ao digno e ao Ilustre Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, sob a segura e fulgente Chefia de Vossa Excelência, considerar a possibilidade de atendimento da pretensão do jovem universitário africano JOÃO JOSÉ CORREIA ROSA.

Natural de Angola, filho de pai que foi considerado herói da independência de Guiné, residente na SICAF MINISTÉRIO II - Valla nº 2063 - Dakar - Senegal, o jovem em referência cursa atualmente o segundo e último ano do Instituto de Tecnologia de Dakar, Senegal.

Tem ele vivo desejo de obter uma bolsa de estudo do Governo Brasileiro, para frequentar qualquer Faculdade de Engenharia Elétrica de Brasil, aceitando todas as condições de adaptação, inclusive a de reconhecer o curso, que tem em Senegal a duração de dois anos, ao contrário de Brasil onde se estende por cinco anos. Se dado lhe fosse externar preferência, o faria em favor da Capital guineana, pela circunstância especial de viver em Porto Alegre família ricamente de suas relações.

Na grata expectativa da decisão que houver por bem Vossa Excelência oferecer ao presente, em qualquer caso a justificar o nosso reconhecimento pela honrosa atenção que o caso em



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Brasília, 19 de junho de 1973

EXCELENTÍSSIMO SENHOR
 MINISTRO FRANCISCO DE ASSIS GOMES
 EXCELENTÍSSIMO CHEFE DO DEPARTAMENTO CULTURAL DO
 MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
 N/Capital.-

SENHOR MINISTRO:

Sob a inspiração dos elevados propósitos de crescente intercâmbio cultural afro-brasileiro, revelados pelo Governo Brasileiro, venho à honrosa presença de Vossa Excelência solicitar ao digno e ilustre Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, sob a segura e fulgente Chefia de Vossa Excelência, considerar a possibilidade de atendimento da pretensão do jovem universitário africano JOÃO JOSÉ CORREIA ROSA,

Natural de Angola, filho de pai que foi considerado herói da independência de Guiné, residente na SICAP BLANCOU
 II - Villa nº 2963 - Dakar - Senegal, o jovem em referência cursa atualmente o segundo e último ano do Instituto de Tecnologia de Dakar, Senegal.

Tem ele vivo desejo de obter uma bolsa de estudo do Governo Brasileiro, para frequentar qualquer Faculdade de Engenharia Eletrônica do Brasil, aceitando todas as condições de adaptação, inclusive a de reconhecer o curso, que tem em Senegal a duração de dois anos, ao contrário do Brasil onde se estende por cinco anos. Se dado lhe fosse externar preferência, o faria em favor da Capital gaúcha, pela circunstância especial de viver em Porto Alegre família ricquardense de suas relações.

Na grata expectativa da decisão que houver por bem Vossa Excelência oferecer ao presente, em qualquer caso a justificar o nosso reconhecimento pela honrosa atenção que o caso em



CÂMARA DOS DEPUTADOS

Brasília, 11 de agosto de 1975

Meu caro Dr. José Luiz

Saúde e paz!

Com a reafirmação do meu apreço pessoal, venho trazer notícias sobre o andamento do nosso pedido de bolsa de estudo para o jovem africano JOÃO JOSÉ CORREA.

Em 19.6.75 dirigi ao Ministro Chefe do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores, a carta cuja cópia segue/anexa em xerox.

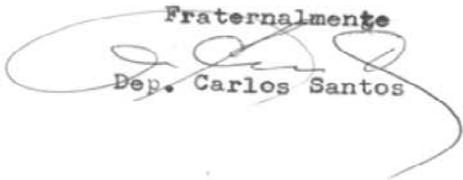
Tive agora o prazer de receber, pessoalmente a resposta, em visita que gentilmente me trouxe o Ministro Francisco Grieco, informando:

- a)- a bolsa foi concedida e consiste na concessão de passagem de ida e volta ao jovem JOÃO CORREA, em Dakar;
- b)- no pagamento, ainda, de ajuda mensal em dolar, correspondente a Cr\$ 1.500,00 (hum mil e quinhentos cruzeiros);
- c)- não tendo o Brasil, neste sentido, convênio com o Senegal, não há propriamente concessão de bolsa em termos de promoção ministerial de busca de vaga e efetivação/de matrícula em Faculdade por iniciativa do Governo.

Tais providências, são de exclusiva responsabilidade do interessado, resumindo-se a bolsa ao fornecimento da passagem e á concessão mensal de ajuda financeira.

É o que me cabe esclarecer, permanecendo no aguardo de tuas notícias e ordens sempre gráts para o velho amigo que firma-se

Fraternalmente


 Dep. Carlos Santos

TELEX

ECI

TELEX

ZCZC RPA465 FBR282 SGF780 814
 BRRX CO SGDR 018
 BAKARRP 18 28 1645

~~X T E R I O R~~

ECI
 Tráf. Telegráfico
 28 OUT 1975
 PORTO ALEGRE
 RS

DR J.L. PEREIRA DACOSTA
 QUADR.FLORS 105 CONJ. 1111
 PORTOALEGREBRASIL

RECEBI PASSAGEM EMBAIXADA AGUARDO ESCLARICIMENTOS TEUS
 URGENTE AGRADECIMENTOS
 JEANNOT

COL 105 CONJ. 1111

NNNNT

Em 22 de outubro de 1975.

URGENTE

DCINT/DCT/643.3(A19)(B46)

Excelentíssimo Senhor
Deputado Carlos Santos,
Câmara dos Deputados
Brasília - D.F.

Em atenção à sua carta de 19 de junho último, em que Vossa Excelência solicita a colaboração do Departamento de Cooperação Cultural, Científica e Tecnológica do Ministério das Relações Exteriores no sentido de conceder uma bolsa-de-estudo ao Senhor João José Correa Rosa, de nacionalidade angolana, a fim de continuar seus estudos de Engenharia Eletrônica no Brasil, tenho a honra de comunicar-lhe a disposição deste Departamento em atender à solicitação em apreço.

2. O auxílio atribuído ao referido estudante compreende a concessão de passagem no roteiro Dacar-Porto Alegre, a ser-lhe entregue através da Embaixada do Brasil em Dacar, bem como mensalidade no valor de Cr\$ 1.000,00, pelo período de um ano. Oportunamente, o Senhor Correa Rosa deverá comunicar-me seu endereço no Brasil, para fins de pagamento da bolsa-de-estudo.

Aproveito a oportunidade para renovar os protestos da alta estima e mais distinta consideração com que me subscrevo,

de Vossa Excelência,

Francisco de Assis Grieco

(Francisco de Assis Grieco)
Chefe do Departamento de Cooperação Cultural,
Científica e Tecnológica

ACS/ASC

Em 01 de dezembro de 1975.

URGENTÍSSIMO

DCT/DCINT/123 /643.5(B46)

Matrícula para estudante es
trangeiro.

Magnífico Reitor,

Tenho a honra de dirigir-me a Vossa Excelência a fim de comunicar-lhe que, no âmbito do programa de estudantes-convênio, este Departamento houve por bem destinar uma das vagas de Engenharia Elétrica (opção Eletrônica) oferecidas por essa Universidade, ao estudante João José Correa Rosa.

2. A indicação em apreço será feita ao Ministério da Educação e Cultura, na época oportuna, para fins de autorização da matrícula, nos termos das normas vigentes.

Aproveito a oportunidade para renovar a Vossa Excelência os protestos da minha perfeita estima e distinta consideração.

Francisco de Assis Grieco

(Francisco de Assis Grieco)

Chefe do Departamento de Cooperação Cultural,
Científica e Tecnológica

TS/DAO A Sua Excelência o Senhor Professor Ivo Wolff,
Magnífico Reitor da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Brasília, 2.12.1975

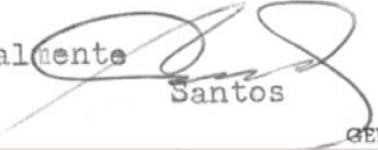
Meu caro Dr. José Luiz

Saúde e paz!

Sem novidades outras além daquelas que o telefone hoje de manhã levou, remeto aqui o "Urgentissimo" - em xerox - do Embaixador Grieco ao Magnifico daí..

Missão cumprida e, até certo ponto, cumprida.

Fraternalmente


Santos

GER 5

Porto Alegre, 15 de setembro de 1976.

Dr. Carlos Santos,

Saúde e paz

Nos termos de nossa conversa telefônica, gostaria de esclarecer-lhe a posição relativa ao nosso afilhado africano, o João José Correa Rosa:

Como a bolsa de estudos que o Itamarati lhe assegurou termina, quanto às vantagens financeiras, este ano e ele não terá outros recursos, a menos que consiga um emprego.

Fiz, então, contato com a Companhia Telefônica Rio-grandense (CRT), já que o João José, como aluno de Engenharia Eletrônica, na área de telecomunicações, poderia ser aproveitado por essa Companhia.

Entretanto, lá me informaram que, segundo norma da empresa, somente aceitam estagiários, quando estes cursam o terceiro ano de Engenharia. E o João José, no próximo ano, estará, apenas, no segundo ano. Mas, deixaram bem claro o seguinte:

Se o Itamarati, reconhecendo que ao dar uma bolsa financeira de apenas um ano não assegurará meios para subsistência do jovem, informar à CRT que, primeiro, ele pode como estudante bolsista trabalhar; segundo, que o Itamarati teria interesse em que lhe fosse concedido o emprego — nesse caso é quase certo que a CRT concederia a vaga.

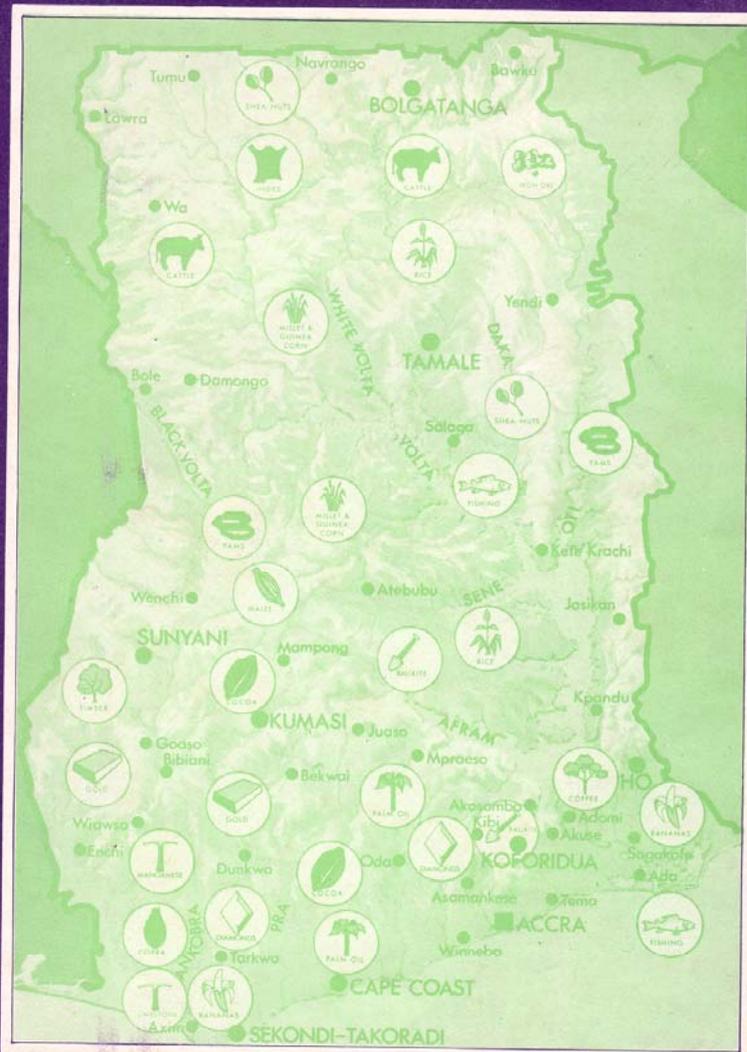
Aliás, o dr. Edy Pederreiras, diretor-técnico da empresa mostrou carinho à idéia, tanto que esclareceu: como se trata de um jovem de país com o qual o Brasil procura ajudar (ele é natural da Guiné-Bissau), ele (diretor) procuraria esmerar os conhecimentos que lhe seriam transmitidos na empresa, estendendo-os até, mesmo, à área administrativa.

Resumindo: parece que se o Itamarati, considerando a situação como especial poderá endereçar uma correspondência à CRT expondo a situação em que o João José se encontra no Brasil e solicitando seu aproveitamento como estagiário remunerado.

Cordialmente

Em 1976, missão de deputados do Rio Grande do Sul visita Gana, conhecendo as possibilidades de intercâmbio cultural e comercial com o novo país. Desta visita, a seguir, uma publicação encarte da revista *Parlamento*:

COMISSÃO DE ECONOMIA E DESENVOLVIMENTO



GHANA

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO RIO GRANDE DO SUL

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA

COMISSÃO DE ECONOMIA E DESENVOLVIMENTO

PRESIDENTE DEPUTADO VALDIR LOPES

Palácio Farroupilha
Julho de 1977

MISSÃO OFICIAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Integrantes:

DEPUTADO NIVALDO SOARES,
Presidente da Assembléia Legislativa;
DEPUTADO VALDIR LOPES,
Presidente da Comissão de Economia
e Desenvolvimento;
DEPUTADO HUGO MARDINI,
Líder da Bancada da ARENA e representante
do Governador Sinval Guazzelli;
DEPUTADO RUBI DIEHL,
pela liderança do Governo;
DEPUTADO IVO SPRANDEL;
DEPUTADO ELYGIO MENEGHETTI;
DEPUTADO VICTOR BACCHIERI;
DEPUTADO OSCAR WESTENDORFF
membros da Comissão de Economia;
DR. JOSÉ LUIZ PEREIRA DA COSTA,
Secretário Geral da Missão.

Créditos:

Fotos cedidas pelo Ghanaian Times;
Departamento de Turismo de Gana;
Ghana Investment Centre
e do arquivo do Dr. José Luiz Pereira da Costa.

Esta é uma separata da revista
PARLAMENTO n.º 50
Rua dos Andradas, 868, conj. 2
Fones; 24-4040 — 25-1174
25-7769 — 25-0140
90.000 — PORTO ALEGRE
RGS — BRASIL

HISTÓRICO DA MISSÃO

No decorrer do ano de 1976, a Comissão de Economia e Desenvolvimento da Assembléia Legislativa, presidida pelo nobre deputado Valdir Lopes, resolveu considerar como relevante para os interesses de nosso Estado, também um engajamento, de forma pioneira, na política em desenvolvimento pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, de buscar na África, com o suporte de históricas ligações que mantemos com os povos daquele continente, parceiros para o nosso intercâmbio comercial.

A idéia foi desde logo recebida com satisfação pelos membros da Comissão de Desenvolvimento, tendo ficado acertado que a edição de um livro contendo informes sobre países africanos, destinado a servir de motivação e amparo para empresários gaúchos, na busca de alternativas nos mercados da África, seria o primeiro passo.

Após exaustivo trabalho de pesquisa, com o recolhimento de dados e impressões sobre nove países africanos foi editado, em março do corrente ano, o livro que recebeu o nome de **ÁFRICA** e que em seu bojo oferece dados de rara atualidade — considerando-se as dificuldades de figuras estatísticas de muitos dos jovens países africanos — sobre: Gana, Costa do Marfim, Nigéria, Senegal, Angola, Moçambique, Zaire, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

O lançamento do livro deu-se em solenidade que teve por local a Embaixada de Gana, em Brasília, num ato que contou com a presença, além de todos os membros da Comissão de Economia e Desenvolvimento, de representantes diplomáticos dos seguintes países: Gana, que era o anfitrião, Nigéria, Senegal, Gabão, Costa do Marfim e Zaire, bem como dos Deputados Federais Carlos Santos e Alceu Collares, além do Conselheiro Cláudio Santos Rocha, da Divisão África I, do Itamarati.

MISSÃO GANENSE NO ESTADO E O CONVITE

Pouco após a efetivação do lançamento em Brasília, visitou o Estado uma missão econômica de Gana, liderada pelo Senhor B. K. Otoo, Secretário Geral do Ministério do Comércio de Gana.

Por indicação da Embaixada de Gana no Brasil, a Representação Ganense esteve em contato com a Comissão de Economia e Desenvolvimento, tendo sido recebida, não apenas por seus membros, mas pelo Presidente da Assembléia Legislativa, Deputado Nivaldo Soares e, ainda, pelos líderes das bancadas.

Neste encontro, que teve por local a sede campestre dos funcionários da Assembléia Legislativa, no Balneário Belém Novo, o líder da Missão Ganense, Senhor B. K. Otoo, disse da impressão forte que recolhia de nosso Estado e de seu interesse em poder



PARLAMENTO

Na foto, ainda no Aeroporto Internacional Salgado Filho, quando do início da viagem. Da esquerda para a direita, estão o jornalista José Luiz Pereira da Costa, Deputados Victor Bachieri, Oscar Westendorff, Valdir Lopes, Nivaldo Soares, Rubi Diehl, Jorge Bandarra (que assumiu a presidência do legislativo gaúcho na ausência do presidente Nivaldo Soares), Elygio Meneghetti, Ivo Sprandel, Hugoardini, com seu filho. O líder arenista viajou representando o governador Sinval Guazzelli.



À saída do Ministério das Relações Exteriores, da esquerda para a direita, os senhores Deputado Valdir Lopes; Embaixador Vishnu Kofi Vashiamal, representante de Gana no Brasil; Deputado Nivaldo Soares, presidente da Assembléia Legislativa; Mr. B. K. Otoo, Secretário geral do Ministério do Comércio; Deputado Oscar Westendorff; Dr. José Luiz Pereira da Costa; Deputados Elgio Meneghetti, Rubi Diehl, Hugo Mardini, Ivo Sprandel e Victor Bacchieri. Nos extremos dois assessores dos Ministérios do Comércio.

Reunidos no Banco Nacional de Investimentos (National Investments Bank) o deputado Nivaldo Soares cumprimenta o Dr. Ben Selormey, diretor-executivo do Banco de Desenvolvimento da Agricultura (Agricultural Development Bank), sob as vistas do Sr. J. S. Addo, diretor-executivo do NIB.





A Missão debate com o diretor-executivo do Banco Nacional da Habitação de Gana (Bank for Housing and Construction) aspectos relacionados com a assistência que já vem recebendo do Brasil.

receber, como hóspede do Governo de Gana, uma missão do Rio Grande do Sul.

Após a partida da Missão Ganense, em poucas semanas, chegava ao Estado o convite oficial do Governo daquele País, para que suas excelências, o Governador do Estado Synval Guazzelli, o Deputado Nivaldo Soares, os Deputados Pedro Simon e

Celestino Goulart, além do Presidente, Deputado Valdir Lopes, e demais membros da Comissão de Economia e Desenvolvimento, visitassem Gana, como convidados oficiais do Governo.

PREPARATIVOS PARA VIAGEM

Aceito o convite, mesmo pelo Governador do Estado, que, impossibili-

Em nome do governo de Gana, o Coronel K. A. Quarshie foi o anfitrião da Missão. Para o bom andamento dos contatos colocou permanentemente ao lado dos brasileiros o Secretário Geral de seu Ministério, Mr. B. K. Otoo.



PARLAMENTO

tado de atendê-lo pessoalmente, designaria o Deputado Hugo Mardini, líder da Bancada da Arena na Assembléia, para representá-lo — os integrantes da Missão Parlamentar iniciaram gestões junto ao Ministério das Relações Exteriores, com vistas à obtenção dos passaportes, a fim de se afastarem do país.

O Itamarati, mais do que apenas a assistência para a viagem, consagrou efetivo apoio, recolhido em decisões tomadas pela Divisão África I, através de seu titular, o Conselheiro Cláudio Santos Rocha.

Sensível a importância da missão e ao inédito convite, Sua Senhoria deu todo o assessoramento possível, assegurando urgência tanto na obtenção dos passaportes especiais, quanto dos vistos consulares.

Também deve ser creditado à eficiência da Divisão África I o apoio oferecido quando já na África, pelas Embaixadas brasileiras em Gana e na Costa do Marfim.

Outro dado importante a ser registrado nessa fase, foi a oportunidade da Missão viajar no terceiro voo da recém inaugurada linha da VARIG, Rio de Janeiro/Lagos, na Nigéria. A viagem que, se feita quatro semanas antes, exigiria um exaustivo roteiro que incluiria, além de Dacar, no Senegal, outras cinco escalas no continente africano, ficou reduzida a uma escala, em Lagos, antes da missão chegar em Gana.

A VIAGEM

No domingo 10 de julho de 1977, os integrantes da Missão, na Sala de Autoridades do Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre, recebiam do Deputado Jorge Bandarra, respondendo pela Presidência da Assembléia Legislativa, as despedidas oficiais e os votos de sucesso na viagem que estava se iniciando. A partida ocorreu às 15,30 horas e o destino imediato era o Rio de Janeiro.

As 17,15 a Missão chegava ao Rio de Janeiro, sendo recebida por um representante da VARIG, que imediatamente providenciou o despacho das malas e alojou os membros da Missão na ala internacional do moderno aeroporto do Galeão, a fim de aguardarem o voo internacional Rio/Lagos, previsto para as 23,55.

Na espera, deu-se a oportunidade de sentirem, os membros da Missão, a presença atuante de empresas brasileiras, especialmente na Nigéria. Viajaram com a Missão, no mesmo voo, por coincidência, é certo, representantes das empresas gaúchas Consulbrás, Springer-Admiral e Madzatti.

Todas já com negócios em andamento no mercado africano.

No horário previsto foi dado embarque. A etapa internacional seria feita num Boeing 707 e o tempo previsto de voo 7,30 horas, sobre o Oceano Atlântico, sem qualquer escala.

Como também estava previsto, o avião aterrou no Aeroporto de Lagos, na Nigéria, no horário. Devido à diferença de fuso horário, o avião pousou em Lagos às 11,30 da manhã, o que correspondia, no horário brasileiro, 7,30 horas.

CHEGADA À ÁFRICA

Os parlamentares integrantes da Missão chegavam, assim, pela primeira vez ao continente Africano.

Segundo previsão, a Missão ficaria na ala de trânsito do aeroporto de Lagos até às 19 horas, quando seria feita uma conexão com um avião da British Caledonia, que, fazendo a linha Londres/Acra, iria aterrissar no aeroporto de Lagos às 19 horas.

Assim, entre 11,30 da manhã, após superados problemas naturais de imigração, e 19 horas, todos ficariam no aeroporto, aguardando a conexão que os levaria a Acra.

A espera, de quase 10 horas, confinados no aeroporto, já sabida mesmo antes de a Missão deixar o Brasil, despertara em alguns o desejo de, nesse lapso de tempo, dar uma olhadinha em Lagos. Advertências, porém, a respeito de dificuldades no tráfego da capital nigeriana, numa segunda-feira, que poderiam determinar a perda do voo, fizeram com que os parlamentares descartassem a

possibilidade de, ao menos, sentir algo da primeira cidade africana que pisavam.

Entretanto, uma surpresa aguardava: por legislação internacional de voo, o avião da British Caledonia não tinha direito de recolher passageiros em Lagos e levá-los para Acra. Portanto, embora todas as gestões feitas, os responsáveis pela empresa Nigeria Airways, legalmente a prejudicada se a British Caledonia levasse os passageiros, não abriram mão de seu direito e a Missão viu-se obrigada a pernoitar, de maneira imprevista, em Lagos.

Face ao grande afluxo de homens de negócios de todo o mundo para Lagos, foi somente com grande sacrifício que os integrantes da Missão conseguiram local no hotel, assim mesmo partilhando, alguns, quartos com brasileiros que lá se encontravam.

Contatos esporádicos com alguns nigerianos, e especialmente longas conversas com brasileiros lá trabalhando, ensinaram aos membros da Missão uma oportunidade de sentir, somada a itinerário de 25 quilômetros entre o aeroporto e o hotel, um pouco mais da Nigéria, o mais populoso país da chamada África Negra.

NO PAÍS DO CONVITE

Saindo às 9,15 horas (horário de Lagos), da Capital da Nigéria, chegaríamos às 9 horas (pela diferença de horário), portanto, antes de partir, em Acra, Capital de Gana. O voo foi feito num avião Boeing 737, da Nigéria Airways.

Após a aterragem no Aeroporto Internacional Kotoka, em Acra, já ao descer as escadas do avião, a Missão foi recebida pelo Embaixador de Gana no Brasil, Senhor Vishnu Kofi Vashiamal; pelo Embaixador do Brasil em Gana (no exercício), Senhor Luiz Cavadas; pelo Secretário Geral do Ministério do Comércio, Senhor B. K. Otoo, pelo Presidente da Confederação Nacional do Comércio, Senhor V. W. Kwasi Agbodza, além de outras personalidades.

A Missão foi levada para a Sala Presidencial do Aeroporto Internacional Kotoka, recebendo as boas-vindas do Governo de Gana.

SEIS DIAS EM GANA

Reunidos já em Porto Alegre, um sentimento unânime liga os membros da Missão: a extraordinária importância votada pelas autoridades daquele país à Missão, o que poderá ser, paliadamente, mensurado na exposição que se segue, do período de permanência naquele país.

DIA 12 — TERÇA-FEIRA

Devido a alterações sofridas na programação, tendo presente a estada em Lagos, os horários foram radicalmente alterados, porém os encontros fluíram conforme o programa feito pelas autoridades governamentais ganenses. Assim, na mesma manhã da chegada a Acra, após uma pausa de 15 minutos para acomodar as malas no Hotel Continental, a Missão seguiu para cumprir este roteiro:

Visita ao Ministro do Comércio;
Visita ao Ministro da Indústria;

Nivaldo Soares, Elygio Menegheti, Victor Bacchieri, Oscar Westendorff e Valdir Lopes no "roof" do Ambassador Hotel, antes da reunião almoço com dirigentes e membros da Confederação Nacional das Indústrias. Na foto os ministros do Comércio, Coronel K. A. Quarshie e da Indústria, Coronel B. K. Ahlijah.



Visita ao Ministro das Relações Exteriores;

Visita ao Ministro da Economia e Planejamento;

Visita ao Ministro da Agricultura.

Estes encontros, cada um com duração máxima de 10 minutos, serviram para que as altas autoridades governamentais ganenses dessem suas boas-vindas aos integrantes da Missão. Em cada contato fazia-se presente tanto a televisão quanto a imprensa locais, o que asseguraria, nos jornais do dia seguinte e nas emissões vespertinas da TV, ampla cobertura da Missão.

Com o almoço previsto para as 12,30 horas, somente às 14,30 os membros da Missão chegavam ao Restaurante Palm Court, onde servem pratos típicos, para uma reunião-almoço oferecida pelo Ministro do Comércio, Coronel K. A. Quarshie.

Imediatamente após as 16 horas, a Missão se dirigia ao Banco de Gana (Bank of Ghana), que é o Banco Central do País. Seu titular tem o cargo de Governador e este Banco dita a política monetária do país.

BANCO DE GANA

Num Seminário de quase 4 horas, a Missão ouviu e expôs questões de in-

teresse de Gana e do Rio Grande do Sul.

Basicamente, o Governador do Banco de Gana, Senhor A. E. K. Ashigbor, que recebeu, na Sala de Reuniões do Banco, a Missão, fixou as áreas de interesse de seu Banco, no relacionamento com o Brasil.

Na medida, entretanto, que fazia uma exposição minuciosa de seus planos e objetivos, ficava caracterizado que poderia, o Rio Grande do Sul, vir a ser responsável pela execução de muitos dos projetos que aquele Banco considera como prioritários.

Já a partir da possibilidade de se efetivarem, para o futuro, mais negócios entre Gana e Brasil, um dos pontos sublinhados por aquela autoridade seria a indicação de um banco brasileiro para ser correspondente do Banco de Gana, já que eles não possuem qualquer contato nesse nível em nosso País. E, foi mais específico, considerando a política agressiva dos rio-grandenses, ao julgar que o relacionamento com um banco de nosso Estado seria ainda melhor.

Explicou o Governador os contatos que estão sendo feitos com duas empresas rio-grandenses, uma de Porto Alegre e outra de Santa Cruz do Sul, que se preparam para implantar, a primeira, sistema de refinação de óleos vegetais e a outra olarias naquele país.

Alinhou, entretanto, toda uma série de projetos que interessam de imediato a Gana, especialmente nas áreas de criação de gado; armazéns frigoríficos; plantação de soja; casas de madeira pré-fabricadas; construção e gerência de hotéis e outros itens.

Participaram, também, do encontro no Banco de Gana, dando assessoria ao Governador, dois diretores executivos do Estabelecimento.

DIA 13 — QUARTA-FEIRA

Às 9 horas se iniciava a jornada da Missão, com uma reunião na Confederação Nacional do Comércio de Gana — Ghana National Chamber of Commerce.

A Missão foi recebida por toda a Diretoria da GNCC e por representantes de diferentes regiões (estados) do país, tendo à frente o Senhor V. W. K. Agbodza, Presidente da GNCC.

Logo após a abertura dos trabalhos, o Presidente da entidade fez um discurso onde, além de saudar os visitantes, expôs sobre o funcionamento da entidade que preside e fixou os pontos de interesse imediato dos empresários ganenses, com relação ao Brasil.

Aliás, segundo previsão da agenda de trabalho para aquela reunião, ao final, os membros da entidade, todos homens de negócio, debateriam com os visitantes operações comerciais que se viabilizariam.

O mal entendido serviu para o líder da Missão, deputado Nivaldo Soares, ao agradecer a saudação, situar a posição da Missão rio-grandense, que ali estava a convite do Governo de Gana não com o objetivo de efetivar algum negócio específico, mas sim de recolher subsídios que haveriam de ser transmitidos às entidades como aquela que estava visitando, no Rio Grande do Sul, com vistas a estimular o intercâmbio entre Gana e nosso Estado.

Bem compreendida a posição dos membros da Missão, houve um amplo debate a respeito do que para a GNCC era importante em termos de mútua cooperação com nosso Estado.

O encontro, com mais de duas horas de duração, deixou claro as possibilidades de um maior intercâmbio comercial com aquele país.

VISITA À GNTC

Seguramente esta é a sigla mais conhecida em todo o país. GNTC representa a Ghana National Trading Corporation, apelidada pelos ganenses de "O Gigante".

Trata-se da maior empresa do país, de propriedade do Estado, responsável pela venda no mercado interno de

Após encontro com os membros da Ghana Manufactures Association, vê-se, da esquerda para a direita: Deputado Oscar Westendorff; Deputado Valdir Lopes; Senhor J. K. Otoo do Ministério do Comércio; Coronel B. K. Ahlijah, ministro da Indústria; Deputado Nivaldo Soares, presidente da Assembléia Legislativa; Coronel K. A. Quarshie, ministro do Comércio; Senhor Alfred Ghieri, presidente da entidade; Deputado Ivo Sprandel; Deputado Rubi Diehl e Deputado Elygio Meneghetti.



praticamente tudo que é utilizado no país. Desde alimentos até materiais de construção, eletrodomésticos, máquinas agrícolas e barcos de pesca — tudo a GNTC compra dos fabricantes ganenses, importa do exterior e revende em qualquer recanto do país. Conta com uma loja de departamentos no Centro de Acra, a capital, cujo edifício chama-se "Ghana House" (A Casa de Gana) e centenas de filiais por todos os estados do país.

A Missão foi recebida pela Diretoria Executiva da GNTC que demonstrou interesse em estreitar os laços comerciais com o Brasil. Aliás, informaram que da recente viagem da Missão de Comércio ganense que visitou o nosso Estado, fazia parte um dos executivos da GNTC, o qual tem motivado a empresa a constituir, a exemplo do que faz com países europeus, Estados Unidos e Canadá, um Departamento de Compras para o Brasil.

Após a reunião na sala principal da GNTC, os deputados foram levados a conhecer a loja de departamentos da GNTC, ficando impressionados com a variedade de itens que são operados pela empresa.

Após o encontro na sede da GNTC, a mesma entidade promoveu uma reunião-almoço no Restaurante Maharaia, com comida típica indiana.

Às 15 horas o encontro foi no "Capital Investments Board" (Conselho de Aplicação de Investimentos).

Presentes os diretores do órgão, o seu diretor-gerente, Senhor K. S. Adusei-Poku fez uma ampla exposição histórica sobre a entidade, sublinhando: "O Conselho de Aplicação de Investimentos tem sua origem no Ato que, em 1963, o constituiu, como a agência central de promoção de investimentos do Governo de Gana. Sua funções principais são:

a) **promoção de investimentos** — O Conselho é responsável pela identificação de investimentos viáveis e oportunos em Gana, bem como pela aproximação entre investidores e os órgãos do governo encarregados da execução da política governamental, tais como o Ministério das Indústrias, o Banco de Gana, etc.

b) **administração de incentivos fiscais** — o Conselho é também responsável pela recomendação de projetos de interesse, com vistas a obtenção de incentivos fiscais".

Deixo bem claro, o diretor do órgão, que a eventualidade de empresas gaúchas virem a se instalar em Gana ou, ainda, se associarem com empresários daquele país, poderá assegurar uma série de facilidade se o caminho seguido passar pelo Con-

selho de Aplicação de Investimentos. No afã de dotar o país de recursos para seu desenvolvimento, essa entidade, segundo informou seu diretor, mantém em funcionamento escritórios nos seguintes países: Inglaterra, Itália, Estados Unidos, Canadá, França, Suíça e Bélgica. No Brasil as informações poderão ser solicitadas através da Embaixada de Gana, em Brasília.

UM SEMINÁRIO EM PORTO ALEGRE

Foi no encontro com o Capital Investments Board que surgiu a idéia de tornar mais célere e viável o estreitamento das relações que a Missão propunha em Gana.

Assim, o Presidente da Comissão de Economia e Desenvolvimento, Deputado Valdir Lopes, sugeriu a realização, em Porto Alegre, entre os meses de agosto e setembro, de um Seminário, no qual autoridades e empresários ganenses debateriam com empresários e autoridades gaúchas, formas de executar um eficiente plano de vendas e de intercâmbio comercial com aquele país.

O Seminário seria uma promoção conjunta dos Poderes Executivo e Legislativo.



Ambassador é o maior hotel do país, contando com modernos recursos de hotelaria, além de cassinos, restaurantes de comida internacional, etc.

PAUSA: VISITA A UMA UNIVERSIDADE MODELO

Após a reunião com o Capital Investments Board deu-se um encontro com um pedaço da história de Gana, a sua Universidade Legon, de Acra. Situada num aprazível recanto, a Universidade de Acra, uma das três Uni-

versidades do país, é das mais antigas da África Negra.

Com uma larga e profunda avenida, tem a margeá-la inúmeros prédios onde estão os diversos institutos e os alojamentos.

Conta com um total de 5.500 alunos sob o regime de internato, com despesas pagas pelo governo de Gana. São grupos de alojamentos, cada um contando com um amplo refeitório, locais de recreação, esportes e capelas. Os alunos são admitidos sem vestibular, mas sofrem um critério rigoroso de seleção, que tem como elemento de valorização as notas que foram obtidas durante o segundo ciclo (científico).

Cada estudante chega à Universidade apenas com a roupa do corpo e, entre quatro e sete anos (graus simples de Bacharelato, Medicina ou Doutorado) fica no campus, sem que seus pais tenham despesas de qualquer ordem. Segundo hábito que não se vê, no Brasil, durante as férias, os estudantes fazem serviços aqui considerados humilhantes, como garçons, vendedores de jornais etc., para conseguirem renda para as despesas pessoais que julgam importantes e que, naturalmente, não são garantidas pela universidade.

A Universidade Legon mais do que um marco de cultura que tanto orgulha os ganenses, é repositário das lutas pela sua independência, especialmente nos anos 50. Sob a inspiração de Kwame Nkrumah — o grande líder nacional, ainda hoje reconhecido como responsável por tudo o que de mais notável se fez no país — os jovens universitários ganenses da época, hoje expoentes como o atual ministro da Economia e Planejamento, que recebeu a Missão, Dr. Gardner, empurraram os colonizadores, pouco a pouco para fora de sua terra, até conseguirem a completa independência, nos idos de 1957.

Era, na época, o primeiro país, ao sul do Saara a conseguir independência política. Em verdade, era Gana, graças ao organizado movimento que partia de Legon, o grande responsável pela derrocada do colonialismo em terras africanas.

Portanto, Gana, à parte do programa intenso para a Missão, reservava dois encontros também altamente gratificantes: um era Legon, o seu "Ipiranga". O outro estava guardado para mais adiante, os castelos de Cape Coast e El Mina.

Vivamente impressionada, a Missão retornou de seu encontro com a His-

tória da África e de Gana, compreendendo um pouco mais daquele povo educado e gentil, interessado e realizador, da antiga Costa do Ouro, que, segundo também a Missão ficou sabendo, soube, no momento da independência, por decisão de seu líder maior Kwame Nkrumah, inclusive trocar o nome do país, mudando de Costa do Ouro, símbolo do interesse colonial nas riquezas do país, para Gana, em homenagem a um rico e poderoso império africano, que existiu ao sul do Saara e que, segundo dados históricos, foi o mais representativo exemplo da África, como antinômica imagem daquela que o mundo conheceu, pela narrativa dos colonizadores.

UM JANTAR MEMORÁVEL

Ainda com a marca na retina da imagem altamente positiva deixada pela Universidade de Acra (irmã das Universidades de Cape Coast e Kumasi), a Missão foi recebida em um jantar, no restaurante de comida típica ganense, pelo Coronel R.J.A. Felli, Ministro das Relações Exteriores de Gana.

Não fora, apenas, a distinção do convite e a importância do anfitrião, valorizando sobretudo a Missão, juntaram-se a ele na mesma noite, no restaurante tipicamente ganense, à beira do Oceano Atlântico, de onde, em direção oposta, se podia "sentir"

nosso Brasil continental, ainda os Ministros da Economia e Planejamento Dr. Robert Gardiner; do Comércio, Coronel K. A. Quarshie; e das Indústrias, Coronel B. K. Ahlijah.

Na oportunidade, foram entregues àquelas autoridades, pelo Deputado Nivaldo Soares, a Medalha do Gácho, troféu em ouro com o qual a Assembléia Legislativa presenteia as autoridades consideradas como gradadas à coletividade rio-grandense.

O discurso do Ministro das Relações Exteriores, evidenciando sólidos conhecimentos a respeito de nosso país e antecipando, mesmo, uma visita oficial para os próximos meses, deixou bem clara a esperança que os ganenses têm com relação ao Brasil. Alinhando razões histórico-culturais e raízes profundas a ligar nossos países, o Ministro chegou a enfatizar que o Brasil tem condições que poucos países da terra têm, agora, para se constituir num parceiro ideal para Gana, asseverando, mesmo, que tempo não deve ser perdido, antes que as multinacionais cheguem.

Também fez um breve discurso o Ministro do Planejamento, dr. Robert Gardiner, assinalando a importância desse intercâmbio, e recordando seus amigos brasileiros, quando estava na Comissão de Economia da Organização das Nações Unidas.

O agradecimento foi feito pelo Deputado Hugo Mardini, representante do

Governador Synval Guazzelli, que, da mesma forma, ressaltou a importância da visita empreendida e, sublinhou, com precisão, as raízes históricas que vêm ligando há séculos Brasil e Gana.

DIA 14 — QUINTA-FEIRA

Às 9 horas, na sede do Banco Nacional de Investimentos, uma reunião com o Conselho Diretor desse Banco, bem como o Diretor Executivo e técnicos do Banco de Desenvolvimento da Agricultura.

Altamente significativa, a reunião trouxe à tona toda uma série de possibilidades que o Rio Grande do Sul tem para oferecer a Gana. Conhecedores das potencialidades do Rio Grande do Sul nas áreas da agricultura e pecuária, estavam curiosos para tomar conhecimento de dados exatos a respeito do que o Rio Grande poderia oferecer para Gana.

O atual Governo, que lançou há alguns anos a chamada "Operação Abasteça-se a Si Mesmo", procurando estimular o desenvolvimento da agricultura, tem enfrentado sérias dificuldades, especialmente em termos de "know-how" e maquinaria.

O Banco da Agricultura mostrou-se sensível ao aproveitamento das técnicas mais simples da produção agrícola gaúcha, aliada à compra de maquinaria de simples manejo, boa o bastante para aumentar os seus índices de produtividade.

Com problemas sérios na área de irrigação e produção orizícola, entendem que o exemplo do Rio Grande do Sul, em ambos os campos, pode ser altamente salutar.

E, para dar suporte a projetos que possam ser levados adiante, juntamente com empresários gaúchos, o Banco Nacional de Investimentos dispõe de várias linhas de crédito, oriundas de organizações internacionais, como o Banco Mundial, que poderiam ser utilizadas para o deslanche de alguns projetos.

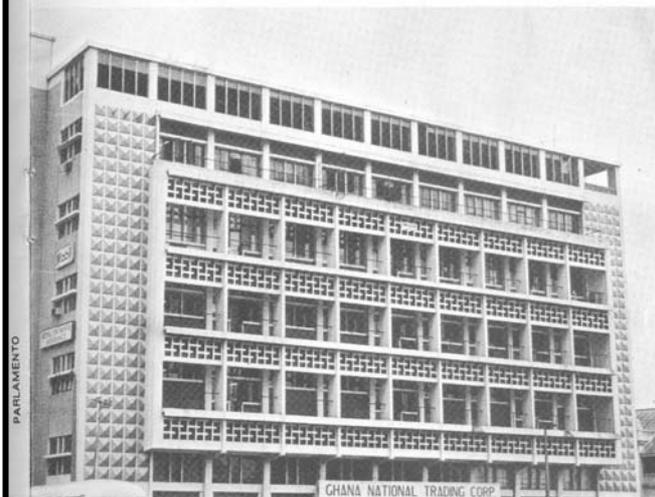
Os integrantes desses bancos, Agricultura e Investimentos, virão ao Rio Grande participar do Seminário.

A reunião foi presidida pelo Senhor J. S. Addo, Diretor-Executivo do National Investment Bank e contou com a colaboração do Senhor Ben Selormey, Diretor Executivo do Agricultural Development Bank.

As 11:30 horas, a Confederação Nacional da Indústria, por seu Presidente, Senhor Alfred Ghieri, recebeu a Missão.

Cerca de 30 associados da Confederação, inclusive representantes de diferentes regiões (Estados) do país se fizeram presentes, oportunidade

GNTC — Ghana National Trading Corporation, a maior empresa do país, responsável pela compra e revenda de quase todos os bens consumidos em Ghana.



em que foram debatidos assuntos de interesse da área industrial. A este encontro juntar-se-ia, ao fim, o Coronel B. K. Ahlijah, Ministro da Indústria.

O encontro foi um amplo debate sobre as possibilidades de nosso Estado vir a cooperar no processo de desenvolvimento de Gana, com transferências de níveis intermediários de tecnologia.

Após, os integrantes da Missão foram convidados para um almoço, onde, pelo adiantado da hora, seria dado seqüência aos assuntos iniciados na reunião.

Por coincidência, o Deputado Rubi Diehl, representante da liderança do Governo, estava de aniversário. Assim, o discurso que fez, em nome da Missão, saudando os membros da Confederação Nacional da Indústria, recolheu duplos aplausos: pelo conteúdo e pela efemeride, da qual todos tomaram conhecimento por aparte de um dos membros da Missão. Chegaram, mesmo, os presentes, a cantar, em seu idioma, parabéns ao aniversariante.

Às 15 horas, a Missão deslocou-se para o Banco Nacional da Habitação (Bank for Housing and Construction). Lá foi recebida pelo seu Diretor Executivo, Senhor M. E. Badu. Neste ensejo, os membros da Missão tomaram conhecimento de alguns projetos que aquele banco está desenvolvendo, em cooperação com empresários gaúchos.

É o caso de um conjunto de olarias, cujo fornecedor é a empresa de Santa Cruz do Sul, Máquinas Schreiner S/A. Referida empresa já mandou técnicos àquele país, que, num período de um mês, fizeram levantamentos das regiões com potencialidade para a implantação de indústrias de cerâmicas. Encontram-se em fase de embarque marítimo as duas primeiras unidades que estarão produzindo, em breve, telhas e tijolos com maquinaria rio-grandense.

Também dois técnicos estiveram em Caxias do Sul, na fábrica Mazedatti, debatendo sobre a implantação de uma fábrica de casas pré-fabricadas em Gana, com vistas à exportação de madeiras ganenses, com tecnologia e maquinaria gaúcha.

Foi exposta toda uma série de itens que, eventualmente, poderão se constituir em objeto de interesse das futuras negociações que se estabelecerão entre empresários gaúchos e aquele banco ganense.

DIA 15 — SEXTA-FEIRA

A manhã de sexta-feira foi a oportunidade para conhecer um pouco da

Capital e do povo nas ruas de Acra. A manhã fora destinada à realização de compras de "souvenirs" da cidade. A Missão, segundo o relato unânime de seus membros, teve o ensejo de, embora a barreira do idioma, comunicar-se com um povo cativante e simples. Foi o esperado momento de, sem assistência das autoridades locais, que eram os anfitriões, ser feito um contato direto e espontâneo com o povo das ruas. As mulheres dos mercados (em Gana, como de resto em boa parte da África, as mulheres são comerciantes), certos artistas de artesanato local, os magazines já ocidentalizados, em suma, foi um período pequeno, não mais que duas horas, para um fugaz contato com as ruas de Acra, uma cidade de tráfego ordeiro, com guardas de trânsito, embora o calor, calçando luvas brancas, no mesmo uniforme que ainda usam os policiais de Londres. Uma Acra

local foi de conhecer a empresa "Tema Estaleiro e Docas Secas" (Tema Shipyard Drydock Corporation), que possui, inquestionavelmente, a maior Docas Secas da África, como provam com dados os seus diretores. Mas, o mais importante da visita, foi o interesse demonstrado pelas autoridades responsáveis pela empresa de conseguir juntar seus esforços a algum grupo empresarial brasileiro, com vistas à utilização de imensa capacidade ociosa do estaleiro e das docas secas.

São duas as docas, sendo a maior com capacidade para trabalhar com navios de até 100.000 dwt. E o estaleiro em si, além de contar com equipamento pesado, dispõe de um imenso espaço físico, presentemente vazio.

A segunda visita em Tema foi feita a uma empresa genuinamente ganense, que se dedica à captura e industrialização do atum.



Vista do Aeroporto Internacional Kotoka, em Acra, capital de Gana.

sem pivetes que roubam de tudo que está ao alcance; sem descuidistas; sem motoristas de táxi desagradáveis ou desrespeitadores. Uma cidade limpa, arborizada e de clima ameno, embora estivéssemos no período de mais elevada taxa de calor.

À tarde a Missão foi levada para a cidade de Tema, distante 26 quilômetros da Capital, ligada por uma autoestrada, com duas pistas de cimento independentes.

Tema e sua autoestrada foram construídas por Kwame Nkruma e uma das razões de a Missão ir até aquele

A empresa Mankoadze Fisheries iniciou sua vida há muitos anos com um pequeno barco de captura. Hoje, além de pescar atum com seus barcos e com outros pelo regime de afretamento, está industrializando o atum, colocando-o em latas que são consumidas pelo mercado interno e exportadas, especialmente para os Estados Unidos.

Esta empresa mostrou interesse especial em poder associar-se com algum grupo brasileiro, com vistas a conseguir safra de atum o ano inteiro, ou seja, quando a safra se esgotasse nas



LIBERDADE E JUSTIÇA o lema do primeiro país africano, ao sul do Saara a se tornar independente, nos idos de 1957. Gana e seu símbolo, a Estrela Negra.

águas territoriais de Gana, os pescadores viriam pescar junto com o grupo brasileiro em nossas águas territoriais e vice-versa.

A empresa demonstrou toda sua potencialidade, ao apresentar aos visitantes invejável sistema de apoio: tem fundição e tornos para forjar e produzir peças de reposição para seus navios. Tem oficina eletrônica para conserto de seu instrumental de comunicações, rádios, radares etc. Tem um parque elétrico, para rebobinamento e reposição geral de sistemas elétricos de seus barcos. Um parque de conserto de equipamento de refrigeração, para manutenção das câmaras frias de seus barcos.

HOMENAGEM MUITO ESPECIAL

O monumento mais importante de Gana é o que se situa na Praça da Estrela Negra. Trata-se de uma grandiosa edificação em concreto armado, ao fundo de uma Praça onde se realizam, nos dias mais importantes do país, desfiles cívicos.

O monumento, na parte superior, abriga, mesmo, um impressionante salão de recepções, contando com um restaurante onde o Presidente da República recebe os convidados mais ilustres.

Este, pois, o local escolhido pelo Ministro do Comércio, anfitrião da Missão, para o jantar de despedida.

A Missão fez-se presente e foi recebida pelos anfitriões que, por seu turno, vestiam-se, quase todos, a rigor, com trajes nacionais ganenses. Mesmo o mais importante Chefe da Região Norte do País, com trajes reais,

compareceu assinalando a importância do evento.

ENCONTRO COM A HISTÓRIA

DIA 16 — SÁBADO

O programa previsto para sábado haveria de se constituir na oportunidade de um breve mergulho no interior de Gana.

Preliminarmente havia sido escolhida a cidade de Kumasi, na região florestal do país, onde estão as imensas plantações de cacau, responsáveis principais pelas divisas que recolhe, bem como as minas de ouro, também item importante na sua pauta de exportação. Entretanto, algumas dificuldades impediram que a viagem fosse na direção de Kumasi. A missão foi levada à cidade histórica de Cape Coast, na região Oeste do País.

A Missão foi recebida, na manhã de sábado, após uma viagem agradável em automóvel de cerca de 200 quilômetros, na antiga residência do Governador de Gana, representante do Rei da Inglaterra, em tempos coloniais.

A casa, como se conhece na literatura inglesa, mostrava-se tão bela e expressiva como deveria ter sido, ao tempo em que os ingleses ali habitavam.

Fomos, entretanto, recebidos pelo Tenente Comandante J. K. Otoo, da Marinha Ganense, atual Governador da Região Oeste que tem como capital a cidade de Cape Coast.

Após um breve introdutório sobre as razões da visita, a Missão foi levada até a parte mais meridional da cidade, para visitar o Castelo de Cape Coast.

Gana, em tempos que não vão muito longe, pertenceu a um conjunto de terras chamada "Costa dos Escravos". Seu nome era "Costa do Ouro". Tais nomes a ligam dramaticamente com uma das páginas mais terríveis da história da humanidade, o tráfico de escravos que, por mais de 400 anos, causou uma sangria de elementos humanos à África, num genocídio como não ocorreu jamais.

E o governador Otoo, apenas reprimando o que tantos ganenses já disseram antes, enfatizou: nenhum país na África sofreu tanto com o tráfico como Gana.

O Castelo de Cape Coast é um dos quase cinquenta castelos construídos por portugueses, ingleses e holandeses ao longo da Costa do Ouro, como forma de se defenderem, em tempos diversos, uns contra os outros, de assaltos às riquezas do país que eles rapinavam.

O Castelo de Cape Coast é o segundo em importância, mas foi o primeiro a ser visitado pela Missão.

Deputados que pela primeira vez pisavam o solo Africano puderam sentir, esmagadoramente, o que representou para seres humanos o tráfico de escravos. Todos conheceram as pequenas câmaras, sem ar nem luz, onde os escravos ficavam presos, por meses, a espera de que os navios negreiros, a espera de que os navios negreiros aparecessem para levá-los até as terras americanas.

Após a visita àquele Castelo, a Missão conheceu o maior de todos, o El Mina, cujo nome identificou por muito tempo escravos que vieram para o Brasil (os chamados Negros Mina). A Missão pôde, na longa caminhada pelo imenso castelo, tendo a narrativa passo a passo de um guia nativo, ver como os escravos eram capturados, a seqüência de entrada no castelo até sua saída direta no mar, onde aportavam os navios negreiros. E conheceu uma parafernália de instrumentos de castigo, cada qual mais desumano.

Importando-se muito mais com a história, do que com os malefícios do passado, os ganenses conservam os castelos e rememoram, nas palavras do guia, a estada, por exemplo, nas vésperas do fim do século XIII, de um espanhol chamado Cristóvão Colombo que aportou no El Mina, antes de seguir adiante e descobrir, na sua caminhada, o Continente Americano, que viria, tragicamente, a sugar, com tamanha saciedade, o sangue bom e generoso dos ganenses, em particular, e dos africanos em geral.

ADEUS À GANA

O domingo foi pontilhado por três significativas demonstrações de afeto, prenunciando a despedida da Missão, que se preparava, na segunda-feira, para deixar aquele país:

Na parte da manhã, às 11 horas, o Conselheiro Luiz Cavadas, respondendo pela legação brasileira em Gana, recebeu os integrantes da Missão, bem como o Embaixador de Gana no Brasil, Senhor Vishnu Vashiamal, além do Embaixador da República do México — em sua aprazível residência, num dos subúrbios de Acra. Natural da Bahia, o Conselheiro Luiz Cavadas, que é médico, encontra-se em Gana já há quase 15 anos e está já preparando suas malas para retornar ao Brasil, encerrando sua carreira diplomática. A casa do Conselheiro Cavadas é um mini-museu de arte africana, com trabalhos de altíssimo valor histórico e artístico, recolhidos no período em que se encontra ser-

vindo naquele país africano e nas incontáveis viagens que tem feito pelos países vizinhos. O rico tesouro artístico que o Conselheiro Cavadas exibiu para a Missão estará sendo transferido, em breve, quando ele retornar ao Brasil, para o Museu da Bahia.

As 13 horas saía a Missão da residência de nosso representante diplomático e partia para a residência do representante diplomático ganense no Brasil. O Senhor Vishnu Vashiamal estava em Gana, afastado, portanto, do seu posto no Brasil, para dar toda a assistência à Missão Gaúcha.

Ali, onde atualmente moram seus familiares, ainda não trazidos para o Brasil, foi servido um almoço típico ganense.

Por fim, à noite, no Palm Court, à beira do Oceano Atlântico, o anfitrião, Coronel K. A. Quarshie, oferecia um coquetel de despedidas.

Numa homenagem aos ganenses, todos os membros da Missão, que haviam adquiridos roupas típicas do país, compareceram ao coquetel com uma camisa denominada "Jerônimo" o que impressionou positivamente a todos.

Foi nesta oportunidade que o Cel. Quarshie, dirigindo-se ao representante do Governador do Estado, Deputado Hugo Mardini, lhe passou às mãos, encarecendo que este fizesse chegar ao Governador Snyval Guazelli, um banco de madeira, símbolo do Poder em Gana: o Trono Ashanti. A respeito do trono, diz a lenda que, na memorável luta contra os ingleses, foi colocado no interior do trono Ashanti a alma de todos os antepassados da nacionalidade. Coube ao rei ser o guarda e responsável pela intangibilidade do trono. Enquanto este não caísse nas mãos dos inimigos ingleses, sempre haveria uma razão para se lutar. E a história assegura que o Trono Ashanti jamais caiu nas mãos dos inimigos. Mesmo quando o rei foi capturado e, por cinco anos, preso no Forte El Mina, numa cela que fazia frente para outra onde se encontrava sua mulher, vendo-a, portanto, mas sem podê-la tocar - não confessou onde se encontrava o trono, assegurando uma permanente luta pela manutenção da integridade da nação. Altamente significativo, portanto, o presente oferecido ao Governador do Estado, porque representa uma das mais caras imagens nas tradições ganenses.

Ao Deputado Nivaldo Soares, como líder da Missão e Presidente da Assembleia Legislativa do Estado, foi entregue um quadro, contendo uma peça de tecido, feita à mão, e que representa as cores do país.

DIA 18 — SEGUNDA-FEIRA

As 9 horas, novamente a bordo de um Boeing 737 da Nigéria Airways, após as despedidas dos representantes dos Ministros de Estado, mas com a presença, tanto do Embaixador de Gana no Brasil, Senhor Vishnu Kofi Vashiamal, quanto do Embaixador do Brasil em Gana, Conselheiro Luiz Cavadas, a Missão deixava Gana, seguindo para a Costa do Marfim.

Já às 10 horas a Missão era recebida em Abidjan na Costa do Marfim, por representantes da Embaixada Brasileira em Abidjan, os quais passaram a prestar especial assessoria colocando à disposição, logo após, serviços de telefonia e de telex para comunicações instantâneas com o Brasil.

Na Costa do Marfim, a Missão visitou o Prefeito de Abidjan que acolheu a comitiva em nome da cidade e, ainda, a Assembleia Legislativa.

Por fim, os integrantes da Missão foram recebidos pelo Secretário do Partido Democrático da Costa do Marfim, entidade política que é presidida pelo Vice-Presidente da República.

CONCLUSÕES

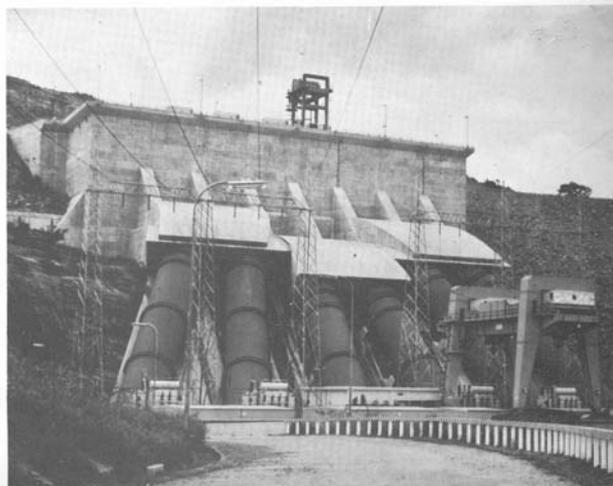
Apenas a insigne oportunidade de conhecer por ótica própria uma importante fração do Continente Africano — recolhendo impressões, comumente sabidas segundo interpretações de terceiros, teria justificado o

deslocamento de nossa Missão até o Continente Africano, porque as distâncias de ontem, presentes não apenas no grande espaço geográfico, denominado Oceano Atlântico, que separa América e África — senão que também na própria geografia do conhecimento e da compreensão — nada mais significam hoje, quando se pode, num avião de bandeira brasileira, em pouco mais de 7 horas, sair do Brasil e chegar no coração da África Ocidental.

A Comissão de Economia e Desenvolvimento, bem como a própria Assembleia Legislativa têm, ao longo do tempo, sempre mantido uma atitude de natural tutela para com os interesses do Estado como ente social e, particularmente, daqueles que com põem o Estado. O que se deseja dizer é que, quando os empresários do Rio Grande do Sul, com um espírito de bravo pioneirismo, deixam os confortos do mercado interno, ou as facilidades dos clientes tradicionais, e partem para novas oportunidades na África — veja-se o exemplo de Madzatti, Consulbrás, Máquinas Schreiner, M. Bignetti, Conservas Oderich, Springer-Admiral, Marcopolo e outros — a Assembleia gaúcha até pecaria por omissão, em não procurar dar todo o apoio, fazendo com que estes pioneiros não se sintam sós.

O que de mais expressivo tem a opinião pública rio-grandense, compreendendo

Akosombo é a represa que assegura energia elétrica abundante para Gana. Construída na região do Rio Volta, formou-se para abastecê-la um dos maiores lagos artificiais do mundo. Akosombo assegura, também, a possibilidade para Gana, de exportar energia elétrica para seus vizinhos Togo, Benin e Alto Volta.



deu a Missão da Assembléia gaúcha, quando se dispôs viajar para a África. Havia a convicção de que, apesar do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Ministério das Relações Exteriores na promoção comercial brasileira no Exterior — um auxílio direto para o meio empresarial genuinamente rio-grandense, não se poderia constituir em fator negativo. Assim que a Missão foi, desde logo, compreendida e prestigiada pela Divisão África I do Itamarati, órgão dirigido pelo Conselheiro Cláudio Santos Rocha. A Missão foi bem compreendida pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, que deu apoio estratégico à iniciativa. A Missão foi prestigiada pela Secretaria da Indústria e Comércio. A Missão recebeu emocionante apoio da Embaixada de Gana no Brasil que, enfim, transmitiu o convite oficial para que os deputados se deslocassem para aquele país.

Apenas de lastimar é que, por absoluta falta de informação, quem sabe, ou por ignorância, num momento em que o Brasil se esforça em se aproximar sem preconceitos da África, superando erros lamentáveis do passado, houvesse quem insistisse em mostrar a África com a mesma visão que os americanos e europeus tinham e que tanto nos incomodava: o Rio de Janeiro com cobras e jacarés na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. A Missão conheceu cidades de dois países, onde os problemas são comuns aos brasileiros. Metrôpoles apinhadas de gente e de edifícios; países com uma consciência ecológica que permite apenas a realização de safaris fotográficos, para preservar as espécies vivas.

A Missão esteve numa África que, na palavra de seus ilustres líderes, tem no Brasil a imagem de um irmão mais velho e bem sucedido na luta contra os mesmos fantasmas que enfrenta agora. Emocionou à Missão palavras, como a do Ministro das Relações Exteriores de Gana, que significam todo o afeto que seu país tem para com o Brasil.

Tudo isso viria a se constituir em hipótese, ou em algo inimaginável, não fora a inabalada decisão tomada pela Missão de, considerando seu trabalho como do interesse de nosso Estado, não regatear esforços e partir para recolher, ao vivo, impressões que caso contrário viria a saber, quem sabe, de oitiva.

A conclusão lógica é de que, apenas pela oportunidade de ter estado lá, somada à chance de uma profunda troca de idéias com as pessoas mais representativas da comunidade ga-

nense — sentem-se os membros da Missão recompensados. Os frutos deste esforço serão colhidos em futuro não muito distante. Crê-se que, com a efetivação do Seminário, previsto para setembro, já haverá de surgir fatos e contatos, que assegurarão a nosso Estado uma incontestada liderança no mercado ganense. Será um vitória a ser creditada ao pioneirismo da Missão.

PROGRAMME FOR THE VISIT TO GHANA OF MEMBERS OF THE LEGISLATIVE OF THE STATE OF RIO GRANDE DO SUL (BRAZIL)

11TH JULY — MONDAY

Arrival at Kotoka International Airport
Flight n.º BR 365 (7.10 p.m.)
Private Dinner at Hotel.

12TH JULY — TUESDAY

8.45 a.m. Courtesy call on Commissioner for Trade;
9.15 a.m. Courtesy call on Commissioner for Industries;
9.30 a.m. Courtesy call on Commissioner for Foreign Affairs;
10.00 a.m. Courtesy call on Commissioner for Economic Planning;
12.30 p.m. Lunch offered by Commissioner for Trade;
3.00 p.m. Courtesy call on Commissioner for Agriculture;
4.00 p.m. Meeting with Governor of Bank of Ghana;
Private Dinner at Hotel.

13TH JULY — WEDNESDAY

8.30 a.m. Courtesy call on Commissioner for Trade;
9.00 a.m. Meeting with Ghana National Chamber of Commerce;
10.30 a.m. Meeting with Ghana National Trading Corpo ;
12.30 a.m. Lunch in honour of Delegation by the Ghana National Chamber of Commerce;

13TH JULY — WEDNESDAY

3.30 p.m. Meeting with Capital Investments Board;
4.30 p.m. Visit to University of Ghana, Legon;
8.00 p.m. Dinner in honour of the Delegation by the Commissioner for Foreign Affairs.

14TH JULY — THURSDAY

9.00 a.m. Meeting with Agricultural Development Bank, National Investment Bank and Commercial Bank at National Investment Bank Hall;

11.30 a.m. Meeting with Manufacturers Association at Ambassador Hotel.

12.30 p.m. Lunch in honour of the delegations by Manufacturers Association;

3.00 p.m. Meeting white Bank for House and Construction;

4.00 p.m. Meeting with Ministry of Agriculture technicians;

8.30 p.m. Dinner in honour of the Delegation by the Governor of Bank of Ghana.

15TH JULY — FRIDAY

9.00 a.m. Visit to Valco (Tema);
10.30 a.m. Visit to Tema Steel Works;
11.30 a.m. Visit to Tema Food Complex;
12.30 a.m. Lunch at Meridian Hotel;
2.30 p.m. Visit to Tema Port;
3.45 p.m. Visit to Mankoadze Fisheries.

15TH JULY — FRIDAY

5.00 p.m. Departure from Tema for Accra;
8.30 p.m. Dinner by the Commissioner for Trade at Black Star Square.

16TH JULY — SATURDAY

Visit to Cape Coast, El Mina Castle;
Courtesy call at Commissioner for Western Region.

17TH JULY — SUNDAY

Cocktail by Commissioner for Trade at Palm Court.

Areas de interesse para participação com entidades ganenses, sob o regime de "joint-ventures"

1. Criação de gado;
2. Construção de câmaras frias;
3. Estabelecimento de plantação de soja e processamento de óleos;
4. Fabricação de casas de madeira (com processamento de madeiras ganenses);
5. Construção e gerência de hotéis;
6. Construção de estradas e processamento de asfalto;
7. Irrigação;
8. Embalagem e processamento de papelão;
9. Processamento de madeira para indústrias de móveis;
10. Telhas e tijolos.

CORTESIA



SCHNEIDER, LOGEMANN

& Companhia Limitada
INDÚSTRIA DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS
Horizontina — RS — Brasil